

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

BIANCA DE OLIVEIRA RUSKOWSKI

LEVANTE JUVENTUDE, JUVENTUDE É PRÁ LUTAR:
A RELAÇÃO ENTRE ESFERAS DE VIDA E IDENTIDADE
NA CONSTITUIÇÃO DO ENGAJAMENTO JUVENIL.

PORTO ALEGRE
2009

BIANCA DE OLIVEIRA RUSKOWSKI

LEVANTE JUVENTUDE, JUVENTUDE É PRÁ LUTAR:
A RELAÇÃO ENTRE ESFERAS DE VIDA E IDENTIDADE
NA CONSTITUIÇÃO DO ENGAJAMENTO JUVENIL.

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão – Sociologia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva

PORTO ALEGRE
2009

BIANCA DE OLIVEIRA RUSKOWSKI

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito final
para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Aprovada em 03 de julho de 2009.

Banca Examinadora

Marcelo Kunrath Silva
(Orientador)

Carlos José Naujorks
(Membro)

Tânia Steren dos Santos
(Membro)

AGRADECIMENTOS

Estes anos que estudei na Universidade foram possíveis devido ao apoio e confiança de algumas pessoas. Desta forma, agradeço:

Aos meus pais e meu irmão pelo apoio sempre incondicional.

A minha avó Custódia e meus tios, tias, primos e primas com os quais pude sempre contar.

Ao Igor, Talita e Taquira, pela alegria que sempre me trazem quando os vejo descobrindo o mundo.

Ao professor Marcelo Kunrath Silva pela valiosa orientação e por acreditar em espaços coletivos de construção do conhecimento.

Aos professores Carlos José Naujorks e Tânia Steren dos Santos por aceitarem participar da banca e pelas importantes sugestões para a continuidade desta pesquisa.

A minha amiga Geórgia, por me acompanhar desde a primeira semana de aula e tornar este curso mais divertido.

A minha amiga Stela, por me presentear com a trilha sonora dos momentos finais da escrita deste trabalho e, mesmo longe, estar perto.

A minha amiga Lu Bitello, pela oportunidade de compartilhar as aventuras da produção cultural.

A professora Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto com quem iniciei meus estudos de juventudes e políticas públicas.

Ao professor Arlei Sander Damo e colegas da oficina de Antropologia pelos comentários e sugestões.

Por fim, agradeço muito a generosidade com a qual fui recebida e acolhida pelo Levante Popular da Juventude e, principalmente, às pessoas que compartilharam comigo suas histórias, sentimentos e pensamentos com os quais aprendi muito.

La libertad es como la mañana. Hay quienes esperan dormidos a que llegue,
pero hay quienes desvelan y caminan la noche para alcanzarla.
Subcomandante Marcos

A eles e elas, sem-terra, a seu inconformismo, à sua determinação de ajudar a
democratização deste país devemos mais do que às vezes podemos pensar. E que bom seria
para a ampliação e a consolidação de nossa democracia, sobretudo para sua autenticidade, se
outras marchas se seguissem à sua. A marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que
protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o
desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem-teto, dos sem-escola, dos sem-hospital, dos
renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível.
Paulo Freire

RESUMO

O debate sobre juventude é complexo, pois é ao mesmo tempo um conceito teórico e muito utilizado no senso comum. Na última década ganhou maior visibilidade a partir de uma série de ações por parte do Governo Federal na implementação de diversas instâncias para políticas públicas de juventude. Com isso, foi realizada uma série de pesquisas na tentativa de traçar o perfil da juventude brasileira dos anos 2000. Esses estudos demonstram um declínio da participação juvenil nas instâncias tradicionais (partidos políticos, sindicatos e movimento estudantil) e apontam para novos modos de associativismo, principalmente no âmbito cultural. Com isso, temos a necessidade de estudar as novas formas de associativismo e engajamento na juventude. Por isso, os objetivos da pesquisa foram identificar como e porque os jovens se engajam em movimentos sociais e como se dá a construção de vínculos entre os atores e com a organização. Para tanto, analisamos como as redes interpessoais e a conjugação entre militância e esferas de vida influenciam no engajamento dos jovens, criando identificação com os movimentos sociais. De acordo com a problemática apresentada esta pesquisa foi do tipo qualitativa e a coleta de dados se deu na cidade de Porto Alegre/RS, a partir do contato com quatorze jovens que participam do Levante Popular da Juventude (LPJ), uma rede que agrega jovens de vários movimentos sociais, além de grupos culturais e estudantes. Os procedimentos metodológicos adotados foram: entrevista gravada semi-estruturada, observação participante e análise de conteúdo. A partir da análise dos dados e do referencial teórico propomos que a atuação da juventude em movimentos sociais é potencializada na medida em que existe a construção de uma identidade forte com o movimento. Com isso, o encontro das diversas trajetórias dos jovens não se torna problemático, visto que eles compartilham um projeto em comum, visando à transformação social, e nesse convívio criam oportunidades de aprendizagem, valorizando as amizades e a origem popular. Além disso, é necessário que eles consigam realizar uma interligação entre as esferas de vida construindo uma estrutura de significados que viabiliza o engajamento.

Palavras-chave: Esferas de vida. Identidade. Juventude. Movimentos sociais. Redes sociais.

ABSTRACT

The debate on youth is a complex one since it is at the same time a theoretical concept widely used in a common sense. During the last decade, it gained greater visibility due to a series of actions performed by federal government in implementing many instances for public policies destined to youth. Therefore, a series of researches was made in an attempt to define the profile of 2000s Brazilian youth. These studies show a decline in youth participation in traditional institutions (political parties, trade unions and student movement) and point to new forms of partnerships, especially in the cultural context. Considering this, we need to study the new forms of partnerships and involvement in youth. Thus, the research goals were to identify how and why young people engage in social movements and how the links between the actors and the organization are constructed. In order to do this, we analyze the way the interpersonal networks and connection between militancy and life spheres influence the engagement of young people who are creating identification with social movements. According to the presented problem, this research was a qualitative type one and the data collection was made in Porto Alegre/RS through the contact with fourteen young people who participate in the “Levante Popular da Juventude” (LPJ), a network that gathers young people from different social movements and also cultural groups and students. The methodological procedures adopted were: recorded semi-structured interview, participant observation and content analysis. From the data analysis and the theoretical framework we propose that the action of young people in social movements is stronger when a strong identification with the movement is constructed. Thus, the meeting of various trajectories of young people does not become problematic since they share a common project and aim social transformation, and during this experience they create opportunities of learning that value friendship and popular origin. Furthermore, they need to be able to achieve a connection between life spheres by creating a meaning structure that allows engagement.

Keywords: Life spheres. Identity. Youth. Social Movements. Social Networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....	p. 18
Figura 2.....	p. 22
Figura 3.....	p. 33
Figura 4.....	p. 34
Figura 5.....	p. 37
Figura 6.....	p. 39
Figura 7.....	p. 61

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATTAC - Associação pela Tributação das Transações Financeiras para Ajuda aos Cidadãos

CEEE - Companhia Estadual de Energia Elétrica

CPERS - Centro de Professores Estaduais do Rio Grande do Sul

CS - Ciências Sociais

CUT - Central Única dos Trabalhadores

DCE - Diretório Central dos Estudantes

EM - Ensino Médio

ES - Ensino Superior

FACED - Faculdade de Educação

FSM - Fórum Social Mundial

GTAA - Grupo de Trabalho Ações Afirmativas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ITERRA - Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária

Julinho - Escola Júlio de Castilhos

LPJ - Levante Popular da Juventude

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens

MNLM - Movimento Nacional de Luta pela Moradia

MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores

MST - Movimento Sem Terra

MTD - Movimento dos Trabalhadores Desempregados

ONG - Organização Não-Governamental

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados

PT - Partido dos Trabalhadores

SEC - Secretaria Estadual de Educação

UBES - União Brasileira de Estudantes Secundaristas

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

UNE - União Nacional de Estudantes

UNISINOS - Universidade do Vale dos Sinos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA A ANÁLISE DO ENGAJAMENTO: A RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE, ESFERAS DE VIDA E QUADROS INTERPRETATIVOS NA CONSTITUIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO JUVENIL.....	15
1.1 A importância da análise da relação entre formas organizativas e quadros interpretativos.	19
2 JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: ALGUNS ELEMENTOS PARA PENSARMOS A CONDIÇÃO JUVENIL E O SURGIMENTO DO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE.....	23
2.1 Levante Popular da Juventude: contextualização, organização e bandeiras de luta.....	27
3 AGITAÇÃO E PROPAGANDA: A CONSTITUIÇÃO DE REPERTÓRIOS DE PROTESTO E A FORMAÇÃO DE QUADROS INTERPRETATIVOS A PARTIR DA PERFORMANCE DO GRUPO.	32
3.1 A propaganda a partir de elementos gráficos.	32
3.2 O teatro como instrumento de conscientização política.	36
3.3 A Animação das batidas: a análise de um ritual político.....	38
4 DA CONDIÇÃO À AÇÃO: REDES INTERPESSOAIS, MILITÂNCIA E PROJETO DE VIDA.	43
4.1 A construção da estrutura de significados: juventude, trajetória escolar e as aprendizagens e dificuldades na busca de um projeto coletivo.	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

O debate sobre juventude é complexo, pois envolve ao mesmo tempo um conceito teórico específico e uma noção muito utilizada no senso comum. Na última década, a juventude ganhou maior visibilidade a partir de uma série de ações por parte do Governo Federal na implementação de diversas instâncias para políticas públicas para essa população. Com isso, foi realizada uma série de pesquisas (NOVAES e VANNUCHI, 2004; SPOSITO, 2003; CARRANO, LÂNES, e RIBEIRO, 2005) na tentativa de traçar o perfil da juventude brasileira dos anos 2000. Esses estudos demonstram um declínio da participação juvenil nas instâncias tradicionais (partidos políticos, sindicatos e movimento estudantil) e apontam para novas formas de associativismo, principalmente no âmbito cultural. Sobre as generalizações de que a juventude se tornou apática estas pesquisas advertem que essas percepções

São agravadas pela insuficiência de pesquisas que permitam com alguma precisão apreender e interpretar as situações pelas quais os(as) jovens, em diferentes contextos e condições econômicas e sociais, expressam processos de recusa, impossibilidades ou mesmo apontam para novas práticas de participação de solidariedade e conflito que já praticam ou com as quais aceitariam se envolver (CARRANO, LÂNES, e RIBEIRO, 2005, p. 9).

Diante disso, tentamos inverter a maneira como se analisa a mobilização juvenil, ao procurar entender como os jovens pensam e desejam e quais seus objetivos ao se organizarem, ultrapassando as visões que naturalizam certa rebeldia. Para isso, investigamos como se dá a participação juvenil em movimentos sociais. Primeiro, porque entendemos este espaço como um espaço que nos possibilita uma avaliação que não é tão descontínua, e depois, por não ser um espaço “tradicional” de participação como os partidos políticos ou movimentos estudantis. Acreditamos que a apreensão desse momento histórico pode revelar-nos nuances que nos possibilitem novas interpretações e avanços teóricos sobre o tema. Ainda é necessário colocar em questão a análise das relações que compõe a sociedade, não de forma dicotômica, mas sim pensar como se formam as tramas de poder que operam sujeitos e instituições e se constituem num determinado tempo e espaço.

Portanto, cabe entendermos como os jovens estabelecem seus projetos e se organizam para alcançá-los, frente à desigualdade social que avança e os coloca como principais vítimas do atual sistema econômico. Porém, esses cruzamentos entre organizações e elementos da condição juvenil não se dão de forma direta, sem tensões ou sem investimento

por parte dos atores. Alberto Melucci (2001) sintetiza essa problemática ao observar que os jovens são potenciais atores de conflito, porém é necessário analisar como se dá a passagem da *condição* para a *ação*. Dessa forma, a investigação a ser realizada se centra neste aspecto: como e porque os jovens se engajam em movimentos sociais. Com isto, esta pesquisa visa investigar como se dá a atuação da Juventude nos Movimentos Sociais no que se refere ao cruzamento de projetos de vida e redes organizativas.

Para tanto, analisamos como as redes interpessoais e a conjugação entre militância e esferas de vida influenciam no engajamento dos jovens criando identificação com os movimentos sociais. Também observamos quais são os elementos da condição juvenil que contribuem para a atuação no grupo estudado, o Levante Popular da Juventude (LPJ) e, por fim, como se dá a construção dos vínculos entre os atores sociais envolvidos. Dessa forma, três questões orientaram nosso olhar em campo, a primeira se referia à tentativa de identificar o que preponderava nas estratégias de escolha dos jovens para se organizarem em movimentos de juventude. A segunda questão foi observar o processo pelo qual estes atores constroem os vínculos entre si e com a organização, criando identidade. Já a terceira questão foi a tentativa de perceber a relação entre os projetos de vida dos jovens e sua intersecção com os marcos interpretativos da organização.

A hipótese de trabalho foi que a atuação em movimentos sociais é potencializada na juventude, pois esses espaços de articulação oferecem uma oportunidade de atuação no presente, construindo vínculos fortes de amizade. Além disso, ao proporcionar o encontro de jovens com diferentes trajetórias, mas que partilham de um projeto em comum com vistas à transformação social, estes espaços criam oportunidades de aprendizagem que valorizam a origem popular e produzem conhecimentos de forma coletiva.

De acordo com a problemática apresentada esta pesquisa foi do tipo qualitativa, para que a coleta dos dados permitisse uma apreensão a partir da microsociologia. A opção por tal tipo de análise se deu devido à necessidade de captar a dimensão subjetiva da ação dos atores. Tal coleta de dados ocorreu na cidade de Porto Alegre/RS, a partir do contato com quatorze jovens que participam do LPJ, uma rede que agrega jovens de vários movimentos sociais, além de grupos culturais e estudantes.

A escolha para a realização das entrevistas que compõem o estudo qualitativo foi realizado de forma que contemplasse jovens que ingressaram em diferentes períodos no LPJ. Com isso, optamos por realizar entrevista gravada semi-estruturada com os militantes, o que nos possibilitou maior interação com os entrevistados, pois assim eles puderam discorrer mais

livremente sobre três eixos de temas que nós elencamos como importantes para a coleta dos dados.

O primeiro desses eixos dizia respeito à trajetória escolar, social e econômica. O segundo foi em relação às motivações que o levaram a participar do movimento social, quais são as dificuldades enfrentadas e as aprendizagens no período de participação. E por fim, o terceiro eixo que abordou questões referentes aos relacionamentos desenvolvidos, sua atuação no LPJ no período e os sentimentos que eles têm sobre a militância.

Com base no material coletado utilizamos, para efeitos de análise, a ressalva de Bourdieu sobre o cuidado que se deve ter ao trabalhar com “histórias de vida”, devendo-se evitar construir a trajetória como “*série de posições sucessivamente ocupadas*” (BOURDIEU, 2001, p. 189), mas sim observando que os

Acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura de distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado (BOURDIEU, 2001, p. 190).

Com o término da transcrição das entrevistas iniciamos a realização da análise de conteúdo, levando em conta esses três eixos. Dessa forma pudemos elaborar o perfil de cada jovem entrevistado e o percurso de sua militância, a partir daquilo que foi dito por ele como determinante para o seu engajamento.

Para que pudéssemos perceber o relacionamento entre os participantes, a organização do grupo, as interações sociais que ocorrem nos espaços e tensões existentes utilizamos também observação participante. Esta técnica foi realizada em reuniões, em duas marchas e num encontro estadual. Consideramos como observação participante o envolvimento que a pesquisadora tem nas atividades propostas e certo entrosamento com o grupo, porém como observa Minayo, é um

Processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto (MINAYO, 1994 apud CORTES, 1998).

Além disso, a pesquisa bibliográfica foi utilizada para embasar as análises sobre a temática, havendo um estudo rigoroso das publicações que se relacionavam com o tema, bem como, de estudos que possibilitaram uma análise do contexto da pesquisa. A pesquisa de

campo foi realizada em dois momentos, o primeiro em novembro de 2008, no qual foram feitas cinco entrevistas e a observação do encontro estadual do LPJ. Depois, de março a abril de 2009, foram observadas duas marchas e algumas reuniões de células, e ainda foram realizadas as outras nove entrevistas.

Além disso, pensamos ser importante incorporar ao trabalho algumas imagens, no sentido de agregar à narração etnográfica um pouco desses espaços que são apropriados pelos jovens, seja nas manifestações ou no trabalho cotidiano de reuniões. A fotografia entra assim, pelo menos de três formas (GODOLPHIM, 1995): a) como instrumento de pesquisa, para produzir registro dos dados; b) como elemento de interação na devolução do material etnográfico e c) como um elemento do discurso antropológico, compondo o "texto" que o antropólogo constrói ao propor uma interpretação. Nesse sentido a dificuldade de compor o texto etnográfico se apresenta e

A difícil e problemática relação entre o texto etnográfico (a narrativa) e o trabalho de campo que o sustenta é enfrentada por todo etnógrafo durante a lapidação dos parágrafos e sua colocação um ao lado do outro em busca de uma lógica narrativa que "capte" ou "fixe" a lógica cultural que se tenta representar (GONÇALVES DA SILVA, 2000, p. 133).

Na tentativa de captar essa lógica escolhemos alguns episódios do trabalho de campo para descrever, compondo assim a narrativa e, a partir disto, pensarmos alguns aspectos da relação entre juventude e mobilização social, à luz da teoria sociológica. Com isso, a estrutura desta monografia está dividida da seguinte forma: o primeiro capítulo aborda os conceitos de identidade (MISCHE, 1997), esferas de vida e auto-interação (PASSY e GIUGNI, 2000), além de situar a importância de considerarmos os quadros interpretativos das organizações e sua relação com a cultura (McADAM, McCARTHY, ZALD, 1999). A seguir, fizemos uma abordagem dos elementos da condição juvenil e das políticas públicas de juventude no Brasil para compreendermos o período histórico no qual se forma o LPJ e uma descrição da constituição do grupo, sua forma de organização e atividades desenvolvidas. O terceiro capítulo analisa os repertórios de protesto e sua importância na constituição da identidade do grupo, mas, além disso, na maneira como o grupo se expressa e se relaciona com a sociedade. Já no capítulo quarto, refizemos o percurso de ingresso dos militantes no LPJ, para perceber como se deram as alterações das redes sociais e como eles realizam a auto-interação no sentido de continuar a produzir sua militância. Por fim, algumas considerações finais sobre as várias dimensões que estão envolvidas no processo de engajamento militante de jovens com relação a sua identidade e produção de sentido nas várias esferas de sua vida.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA A ANÁLISE DO ENGAJAMENTO: A RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE, ESFERAS DE VIDA E QUADROS INTERPRETATIVOS NA CONSTITUIÇÃO DA PARTICIPAÇÃO JUVENIL.

Segundo Melucci (2001), o interesse da Sociologia em estudar os jovens é porque eles são atores de conflitos. O autor chama atenção, porém, que se deve primeiro saber “*como se passa da condição para a ação, como se forma um movimento que tem por atores os jovens?*” (MELUCCI, 2001, p. 100). Com isso, afirma que “*a ação não se deduz pela condição social*” (MELUCCI, 2001, p. 100), é preciso identificar quais são os problemas capazes de mobilizar um confronto para o controle dos recursos. A partir disto “*é possível perguntar-se que elementos da condição juvenil são suscetíveis de ativar, em certas condições conjunturais, uma ação coletiva, transformando este grupo em ator de conflitos*” (MELUCCI, 2001, p. 100-01).

Nesta pesquisa, para realizar a investigação sobre a participação política de jovens em movimentos sociais, utilizaremos como esquema teórico a noção de identidade proposta por Ann Mische (1997) e de esferas de vida proposta por Florence Passy e Marco Giugni (2000). Nossa intenção é aliar estas duas noções para reconstruir o processo e a manutenção do engajamento numa organização de juventude. Além disso, também nos servirá como base a análise da relação entre formas organizativas e quadros interpretativos num dado contexto histórico que convergem para a ação coletiva dos atores (BOURDIEU, 1989; McADAM, McCARTHY, ZALD, 1999; MISCHÉ, 1997; SADER, 1988).

O estudo sobre as mobilizações juvenis ocorridas no Brasil, em 1992, realizado por Ann Mische, defende a utilização de modelos que permitam compreender o dinamismo, a contingência e a multiplicidade das experiências juvenis nos processos de mobilização. Busca com isso, ir além das análises pré-concebidas que consideram somente o comportamento dos jovens a partir da internalização de normas ou da determinação de sua classe social. Segundo a autora “*é necessário analisar as transformações nas redes interpessoais e organizacionais nas quais os jovens se encontram, e como as estruturas diferenciadas dessas redes influenciam na articulação de projetos pessoais e sociais*” (MISCHE, 1997, p. 138). Para isso, é preciso articular num momento histórico a estrutura relacional e cultural juvenil com a estrutura organizacional que serve como “*ponte articuladora*” na formulação desses projetos.

Para que isso aconteça a autora aponta uma reformulação teórica da noção de identidade coletiva e sua relação com a estrutura ou posição social. Assinalando uma ótica

que visa à interação dos jovens e as relações entre os grupos organizados, assim distinguindo seus pontos de convergência e de distanciamento. O estudo mostra a passagem da identidade de “estudante”, nos anos 60, que agregava a juventude mobilizada para, nos anos 90, a convergência da identidade de “cidadão” nos protestos pelo impeachment de Collor.

Segundo a autora, o conceito de identidade sofre com uma visão substancialista e determinista, algo que parece pré-existente nas relações sociais, e assim *“não consegue focalizar o processo fluido e contingente da formação de identidades na interação dinâmica entre o “ciclo da vida” da pessoa, a participação no movimento e as mudanças históricas da época”* (MISCHE, 1997, p. 139). Ao termos presente a identidade como “focalizadora de projetos”, conseguimos analisar além da definição de grupos, as direções das ações que os atores constroem. Para isso, é necessário estar atento a três dimensões do conceito de identidade, nesta perspectiva: a) identidade como potencialização, b) identidade como experimentação e c) identidade como orientação.

A primeira dimensão, se refere à intersubjetividade das redes sociais, pois o sentido e a direção dos laços sociais são proporcionados por um repertório mais ou menos delimitado de reconhecimentos coletivos. Assim, *“não é apenas o atributo ou posição social que determina a identidade, mas também são as experiências e orientações coletivas dentro de um dado contexto concreto que criam o potencial para formas diferenciadas de reconhecimento”* (MISCHE, 1997, p. 139). O segundo aspecto ressalta que os jovens procuram reconhecimento no meio das diversas redes que participam (família, escola, trabalho, amigos) e nesses espaços de experimentação, estabelecem compromissos, mesmo que provisórios, com *“laços sociais e significados coletivos, que terão um impacto crítico nas suas opções ao longo da vida”* (MISCHE, 1997, p. 139). Já a última dimensão, considera a identidade também como um mecanismo usado pelos atores para dar direção e forma à ação futura. Com isso, a diversificação de redes expõe os jovens a influências e pressões diversas, exigindo um jogo de coordenação e segmentação entre os diversos envolvidos.

A articulação entre os jovens, dispersos nessas redes sociais, se dá pelo que a autora chama de “pessoa-ponte”. Essas pessoas que servem como pontes efetivas são aquelas que evocam a multiplicidade de laços em diferentes contextos sociais e viabilizam oportunidades de conexão e ações conjuntas de diversas pessoas. Essas conexões só funcionam porque se reconhece na identidade múltipla da “pessoa-ponte” dimensões diferentes dos vários atores envolvidos, que necessariamente não implicaria numa correspondência de objetivos inicialmente dada. No Brasil, a autora diz que uma ponte importante se dá pela figura do “militante-múltiplo”, sujeito envolvido em várias redes de mobilização (partidos políticos,

movimentos estudantil, movimento religioso etc.) (MISCHE, 1997).

Seguindo a análise microsociológica dos movimentos sociais, Florence Passy e Marco Giugni (2000) propõem uma interessante investigação sobre os motivos que fazem com que os militantes continuem engajados em algum movimento social, a partir de uma análise das histórias de vida dos que continuam engajados e dos que se distanciam. Com isso, abrem-se novas perspectivas sobre as variações individuais da participação política. Neste estudo, o que intrigou os autores foi saber por que militantes altamente comprometidos não seguiam a mesma trajetória. O engajamento produz novas dinâmicas que precisam ser estudadas, principalmente durante o período no qual os militantes estão mobilizados. Para isto, o estudo centrou-se na dimensão simbólica do ativismo. O argumento defendido é de que os militantes estão mais propensos a permanecer envolvidos quando o seu enraizamento nas redes sociais e sua percepção sobre tais enraizamentos são coerentes e consistentemente interligados em relação as suas esferas de vida.

A perspectiva de análise de redes sociais – para os autores – deixa em aberto o porquê e como os agentes permanecem em redes ou as abandonam, já que possui três fragilidades como a de não atentar para as origens do enraizamento em redes sociais, para o problema da relação entre aspectos objetivo e subjetivo da mobilização e para o problema da agência dos atores. Para tentar superar essas questões, segundo os autores, é necessário olhar para as mudanças no enraizamento da circulação dos participantes em redes sociais e também considerar as percepções subjetivas e os fatores culturais, além de levar em conta o sentimento dos atores e suas percepções sobre suas interações com os outros (PASSY e GIUGNI, 2000).

As redes são importantes porque fornecem indivíduos em um ambiente que facilita o recrutamento para os movimentos sociais, e também porque elas criam uma estrutura de significados sobre seu compromisso que os ajuda a permanecer mobilizados por mais tempo. Esta estrutura de significados resulta da interação dos participantes entre si e com outros atores sociais e também de uma auto-interação (PASSY e GIUGNI, 2000).

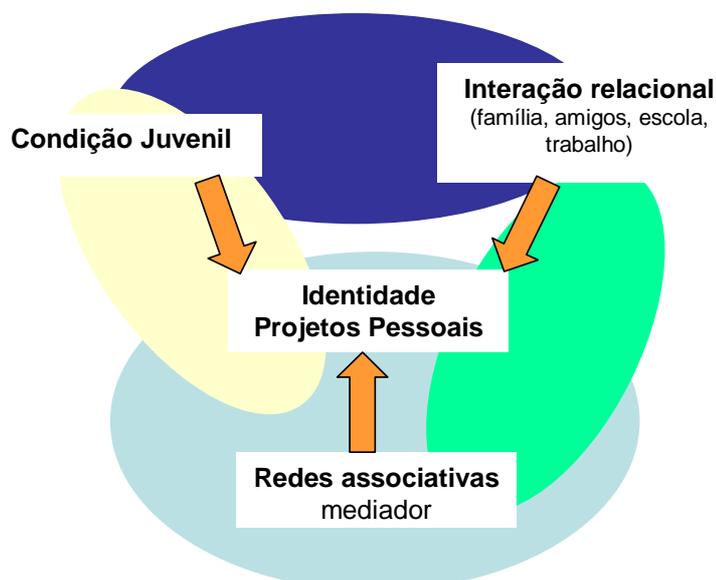
Com isso, a participação política assume um significado específico na vida dos militantes, que é estruturada em torno das “esferas de vida”. Essas podem ser definidas como regiões distintas que possuem dinâmicas, lógicas e fronteiras próprias, porém interligadas. A noção de “esferas de vida” abarca dois elementos, um se refere ao espaço cujos limites e possibilidades de ação são marcadas pela subjetividade, significados, percepções e as emoções em oposição aos imperativos externos provenientes do sistema objetivo. O outro, diz respeito à idéia de que as esferas de vida estão interligadas, interagindo. E é esta interação que

molda os atores a uma estrutura de significados (PASSY e GIUGNI, 2000).

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, os autores definem como áreas relevantes, para fins empíricos de investigação, as áreas relativas à família, aos estudos, ao trabalho, aos amigos e ao lazer, e ainda a esfera da participação religiosa e a do engajamento político em alguns casos. Para Passy e Giugni (2000), a interação é factual, na medida em que os ativistas tomam parte nas relações sociais com outros grupos e indivíduos, influenciando assim o engajamento. Mas também é considerada por eles como simbólica, na medida em que os ativistas engajam-se nas relações sociais a partir do significado que essas relações tem nas suas vidas.

Dessa forma, a decisão de continuar a participar ou não depende da relação mútua destes dois tipos de interação. Com isso, o argumento proposto é de que quando as outras esferas de vida estão relacionadas à esfera política os militantes são mais suscetíveis de serem mais empenhados, através do processo de auto-interação e da internalização simbólica do que aqueles militantes cujo compromisso não tem qualquer relação com as suas esferas de vida de forma central.

No esquema abaixo, tentamos representar a inter-relação entre a condição juvenil, as interações nas redes sociais e as redes associativas com a identidade e os projetos pessoais dos sujeitos. Ou seja, podemos perceber que estas dimensões exercem pressões diferentes nos indivíduos e se uma organização mobiliza os atores na medida em que consegue estabelecer uma ponte entre as redes sociais nas quais o sujeito está inserido e o projeto pessoal numa dada condição histórica, o engajamento tende a ser mais forte (FIGURA 1).



Fonte: elaboração da autora e do orientador

1.1 A importância da análise da relação entre formas organizativas e quadros interpretativos.

Para analisarmos os movimentos sociais é necessário um aparato conceitual que dê conta da capacidade criativa dos sujeitos, além de considerar os fatores estruturais. Por isso, o debate acerca das ações coletivas tem tentado reconstituir a relação entre conjuntura, estrutura organizativa e quadros interpretativos.

Um aporte interessante é a teoria do espaço social de Pierre Bourdieu. Segundo o autor, esta teoria rompe com a teoria marxista, que privilegia as substâncias e não as relações, com a ilusão intelectualista, que considera classe teórica como classe real, com o economicismo, que reduz o campo social ao campo econômico e rompe também com o objetivismo, que ignora as lutas simbólicas desenvolvidas nos diversos campos.

Para Bourdieu (1989) é possível fazer um recorte (a partir do conhecimento das posições no espaço social) de uma classe, na qual os agentes têm condições semelhantes e estão sujeitos a condicionamentos semelhantes, porém este grupo é uma “classe provável”. O autor ressalta que não se podem juntar duas pessoas e esquecer as diferenças econômicas e culturais, mas isso não exclui que se possam organizar os agentes a partir de outros princípios de divisão. Com isso, rompe outra vez com o marxismo e critica a forma como Marx descrevia a passagem da “classe-em-si” para a “classe-para-si”, que segundo ele assumiu ora uma lógica totalmente determinista, ora plenamente voluntarista.

No primeiro caso, a transição aparece como necessidade lógica, mecânica ou orgânica (a transformação do proletariado como classe-em-si em classe-para-si é aqui apresentada como um efeito inevitável do tempo, da “maturação das condições objetivas”); no segundo caso, ela apresenta-se como efeito da “tomada de consciência”, concebida como “tomada de conhecimento” da teoria operada sob a direção esclarecida do partido. Em caso algum nada é dito acerca da alquimia misteriosa pela qual um “grupo em luta”, colectivo personalizado, agente histórico que determina os seus próprios fins, surge das condições econômicas objectivas (BOURDIEU, 1989, p. 138).

Com isso, Bourdieu (1989) alerta que as categorias de percepção do mundo social são produtos da incorporação das estruturas objetivas, e os agentes tendem a aceitar o mundo como algo natural, mais do que rebelarem-se. Devido a isto, a luta política (teórica e prática) é pelo poder de conservar ou transformar as categorias de percepção do mundo.

Nos estudos da sociologia da ação coletiva, os pesquisadores, representantes de diferentes teorias, destacam três grupos de fatores para realizar uma análise sobre movimentos sociais e revoluções. O primeiro seria a estrutura de oportunidades políticas e as restrições que os movimentos sociais precisam enfrentar. O segundo seria as formas de organização (formais e não-formais) à disposição dos manifestantes e, por fim, os processos coletivos de interpretação, atribuição e construção social que mediam a oportunidade e a ação (McADAM, McCARTHY, ZALD, 1999).

Os autores colocam que, se no início, a Teoria de Mobilização dos Recursos e a dos Processos Políticos pareciam excludentes, com o trabalho empírico passaram a se centrar na investigação da dinâmica organizativa dos Movimentos Sociais. Um dos fatores é que oportunidades políticas e estruturas de mobilização não são suficientes para explicar a ação coletiva. *“Existe un elemento mediador entre oportunidad, organización y acción, a saber, los significados compartidos y conceptos por medio de los cuales la gente tiende a definir sus situación”* (McADAM, McCARTHY, ZALD, 1999, p. 26). As pessoas precisam sentirem-se afetadas e crerem na ação coletiva para solucionar a situação.

Segundo os autores a Teoria dos Novos Movimentos Sociais chamou atenção para os elementos culturais que tornavam os Novos Movimentos Sociais com vontade para a ruptura, centrando a análise no papel desempenhado pelos significados e identidade em relação aos Movimentos Sociais.

Já a análise sobre Processos Políticos assinalou o aspecto fundamental das idéias novas a respeito da ação, McAdam coloca a necessidade de uma “liberação cognitiva” para a mobilização. A definição que os autores usam para “procesos enmarcadores” ou quadros interpretativos se refere aos esforços estratégicos conscientes, realizados por grupos de pessoas para construir formas compartilhadas de enxergar o mundo e a si mesmas que legitimem e movam para a ação coletiva (McADAM, McCARTHY, ZALD, 1999).

Para Zald cultura, ideologia e quadros interpretativos são categorias que formam um conjunto conceitual mais amplo e estão unidas porque se referem aos processos que se dota de sentido a objetos e ações. Para o autor, *“los marcos son metáforas específicas, representaciones simbólicas e indicaciones cognitivas utilizadas para presentar conductas y eventos de forma evaluativa y para sugerir formas de acción alternativas”* (McADAM, McCARTHY, ZALD, 1999, p. 371). E ainda destaca que as inovações e mudanças geradas dentro dos movimentos sociais estão muito vinculadas a uma análise cultural dos “repertórios de protesto”, baseado na noção cunhada por Charles Tilly. Esses repertórios são constituídos por imagens do contexto social mais amplo que os permitem definir o campo de atuação, sua

forma de organização e protesto. No entanto, esse contexto cultural é dinâmico e os quadros interpretativos devem ser adequados ao estilo dos que compõem o grupo.

Eder Sader, ao estudar as greves do ABC e o processo de redemocratização, formulou a tese sobre a emergência de “uma nova configuração das classes populares no cenário político”. Para isso, ele negava a simples relação entre processos concretos e características estruturais, para ele “*não se pode deduzir orientações e comportamentos de “condições objetivas dadas”*” (SADER, 1988, p. 42). Dessa forma,

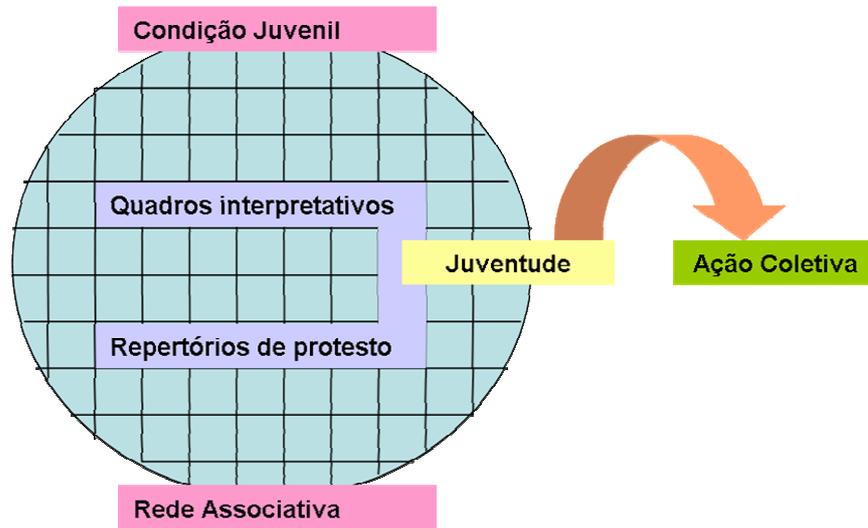
Tais deduções pressupõem uma noção de “necessidades objetivas” que moveriam os atores sem as mediações simbólicas que as instituem enquanto necessidades sociais. Quem pretender captar a dinâmica de movimentos sociais explicando-os pelas condições objetivas que os envolvem e poupando-se de uma análise específica de seus imaginários próprios irá perder aquilo que os singulariza (SADER, 1988, p. 42).

Com isso ele aponta a importância de levar em consideração na análise a elaboração das necessidades como algo cultural, e também de considerar a identidade do grupo, a articulação entre objetivos práticos e valores e as experiências vividas, as quais fazem o grupo se identificar, reconhecer seus objetivos, seus inimigos e o mundo que os envolve. Dessa forma,

A constituição de movimentos sociais implica uma forma particular de elaboração dessas condições (elaboração mental enquanto forma de percebê-la, mas também elaboração prática enquanto transformação da existência). Nesse sentido, movimentos sociais operam cortes e combinações de classe, configurações e cruzamentos que não estavam dados previamente (SADER, 1988, p. 48).

Como podemos perceber, a construção dos quadros interpretativos e dos repertórios de protestos é fundamental para que as redes associativas consigam mobilizar indivíduos e fazê-los passar de uma possível condição de protesto para a ação efetiva. Mais acima, mostramos esquematicamente a inter-relação entre as várias dimensões envolvidas na análise dos processos de engajamento. Cabe agora, reconstruir o esquema considerando somente as dimensões envolvidas na ponte entre identidade/projetos pessoais e as redes associativas. Dessa maneira, quando os quadros interpretativos e os repertórios de protestos – que são formados numa determinada estrutura organizativa e influenciados por uma dada condição juvenil – se tornam efetivos, ativando certa parcela da juventude (que se identifica com eles,

seja pelas redes sociais que está inserida ou por seus projetos de vida) para a ação coletiva (FIGURA 2).



Fonte: elaboração da autora

2 JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS: ALGUNS ELEMENTOS PARA PENSARMOS A CONDIÇÃO JUVENIL E O SURGIMENTO DO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE.

Nosso entendimento é de que o governo atua como controle e de forma mais efetiva onde já está a resistência, ou seja, algo em relação a que não está funcionando na totalização esperada do sistema. O “problema social” vai configurando-se como resistência. Se pensarmos na lógica do consumo, o capital busca consumidores, e o Estado, habilitar a população com saúde e educação para trabalhar e consumir. Por isso, partimos da noção de governamentalidade de Foucault (2003), na qual se entende o Estado como responsável pelas táticas para a produção da população saudável e que o poder está disseminado nas relações sociais, *“como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização”* (FOUCAULT, 2003, p. 88). Estas relações de poder implicam em relações de resistência, pois para Foucault a resistência se apropria e investe no mesmo discurso, reivindica o controle sobre a vida. Estando presente em toda a rede de poder

[...] as resistências não se reduzem a uns poucos princípios heterogêneos; mas não é por isso que sejam ilusão, ou promessa necessariamente desrespeitada. Elas são o outro termo nas relações de poder; inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irreduzível (FOUCAULT, 1989, p. 91-92).

Por isso, na medida em que impasses se criam nas relações as formas de resistência vão sendo constituídas: adolescentes não ficam na escola, transgressões, outras formas de organizar a vida que não se “encaixam” no modelo. Para governar-controlar é preciso constituir como problema (dos indivíduos) que devem ser regulados. A resistência se produz tanto naquilo que “institui” o problema juvenil como nas formas nas quais os jovens se expressam e se organizam. Dessa forma, não temos um indivíduo desviado e sim relações de poder em exercício numa sociedade que afirma um Estado (mínimo) para agir nos pontos onde a resistência insiste. Assim, ao produzirmos a “juventude” a partir de determinadas denominações, critérios e comportamentos esperados construímos um discurso e com este discurso produzimos um modo de conceber a juventude brasileira.

A juventude no Brasil, se considerarmos a faixa etária do IBGE, aponta para um percentual de 27,1% da população. Jovens entre 15 a 29 anos, que podem ser considerados

“uma geração vulnerabilizada, principalmente se pobres e que muitas dessas vulnerabilidades se reproduzem e se combinam, limitando também o estatuto de sujeitos de direitos e suas potencialidades para serem atores/atrizes do desenvolvimento” (CASTRO E ABRAMOVAY, 2004, p. 4). O conceito de vulnerabilidade, segundo as autoras, refere-se a múltiplos planos e também às estruturas sociais vulnerabilizantes (CASTRO E ABRAMOVAY, 2004, p. 3), amplia o conceito de exclusão, que se refere sempre ao aspecto negativo, portanto, pode-se falar em vulnerabilidades positivas que *“se apreende pelo vivido a tecer formas de resistências, formas de lidar com os riscos e obstáculos de forma criativa”* (CASTRO E ABRAMOVAY, 2004a, p. 3).

Ao conceituarmos a “juventude” nos damos conta do debate teórico (KEHL, 2004; PAIS, 2003; RIBEIRO, 2004) que envolve o termo, com diferentes percepções. No entanto, os autores observam a historicidade e diversidade que abrange o conceito e que consideramos para efeito de análise. Assim, as juventudes estão associadas a um ideal, principalmente relacionadas ao consumo de produtos e modelo de beleza, e, ao mesmo tempo, são as mais afetadas pela defasagem de ensino, desemprego e violência, sendo considerada uma categoria social “perigosa”.

O que nos leva a entender que *“a condição juvenil é, por excelência, uma fase de passagem e de suspensão, se prolonga, se estabiliza, torna-se condição de massa, não mais ligada à idade biológica”* (MELUCCI, 2001, p. 101). Com isso, ressaltamos que a identificação como juventude é construída socialmente, a partir de grupos de interesse, criando identidades diversas, sendo que a escola pode ser considerada um dos espaços de agregação que possibilitou a constituição de “juventude” como categoria social.

A escolarização em massa prolonga o tempo até a entrada no mercado de trabalho, possibilitando a agregação de uma identidade coletiva e criando modos de vida e linguagens próprias. O mercado participa desse processo alimentando as necessidades e oferecendo seus símbolos (MELUCCI, 2001). Com isso, a permanência da população mais pobre na escola, acaba por criar impasses no sistema.

A educação se constitui como um campo de disputa de diferentes concepções ideológicas. Instituição chave para a criação e a manutenção de um consenso, conforme análise gramsciniana, dispositivo para a elaboração de um padrão a ser seguido, através dos exames que promove, se pensarmos na leitura de Foucault. Mas a educação também pode ser instrumento para a emancipação dos sujeitos, como sugere a Educação Popular. Seus princípios orientam os movimentos sociais, pois a Educação Popular permite pensar que *“a questão do empowerment da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora,*

através de suas experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político” (FREIRE e SHOR, 1993, p. 138).

Por isso, a educação é um dos recursos em disputa em nossa sociedade. Mesmo com a ampliação do acesso à educação nas últimas décadas, os altos índices de repetência, evasão escolar e violência na escola nos mostram que o aumento da escolaridade ainda não contribuiu para a superação das desigualdades sociais. No entanto, podemos considerar que algumas iniciativas de pressão dos movimentos sociais acabaram por alterar o processo educacional brasileiro, como por exemplo, a inclusão dos conteúdos de História Africana e Afro-Brasileira nos currículos escolares. Marília Sposito no artigo “Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação” faz uma reflexão muito interessante sobre a mobilização da juventude no que se refere à Educação. Propondo eixos de investigação, a autora coloca que as ações voluntárias e dos movimentos que envolvem práticas de solidariedade são pouco estudadas:

[...] muito pouco se investigou sobre essa modalidade de ação que sensibiliza vários segmentos da sociedade e reúne um conjunto não desprezível de dificuldades pois sua prática concreta vem revestida, como qualquer ação coletiva ou movimento, de múltiplos significados (SPOSITO, 2000, p. 86).

Para a autora são possíveis duas orientações para a resposta, uma diz respeito à possibilidade dos jovens agirem efetivamente, ultrapassando o caráter de denúncia. A segunda questão refere-se ao presente, assim “*na ação voluntária protagonizada pela juventude há uma espécie de antecipação da utopia, anunciando hoje, e de forma profética, uma outra possibilidade de vida em conjunto*” (SPOSITO, 2000, p. 87).

Ao retomar a reflexão sobre a educação a autora ressalta duas questões para análise: a) a relação de distanciamento com o enfraquecimento da capacidade de socialização da escola e b) a relação instrumental que se caracteriza pela busca de certificados como fim último do projeto escolar. Segundo a autora:

[...] a experiência escolar está, no momento, destituída de significados capazes de estruturar uma ação coletiva que propicie orientações comuns e ações de recusa aos mecanismos de exclusão ou às práticas pedagógicas, principalmente no ensino médio e fundamental (SPOSITO, 2000, p. 90).

Porém, anuncia que com a expansão do ensino médio pode haver pressão dos grupos de jovens pelo acesso ao ensino superior. Para Sposito (2000) essa ação dos segmentos juvenis nasceria além dos muros escolares, pois numa identidade construída fora deste

ambiente, o percurso de volta à escola se daria não como “*aluno, isolado*”, e sim como “*ator coletivo*”. Mas este encontro proporcionaria resistências da cultura escolar. Com isso,

[...] a hipótese aqui lançada diz respeito ao processo de formação desses atores em seus grupos, que pode transformar o sentido da escola no projeto de vida, ao dar um novo significado para o conhecimento, para a informação e para a cultura (SPOSITO, 2000, p. 90).

O cenário atual se configura numa série de ações pela implantação das ações afirmativas no vestibular, tanto para egressos do sistema público quanto para estudantes negros, também um aumento significativo de Pré-Vestibulares Populares, que funcionam basicamente com professores voluntários para oportunizar uma preparação ao vestibular que muitos estudantes não teriam condições de custear. Com este cenário, outra relação pode configurar-se, além das relações instrumentais e de distanciamento (SPOSITO, 2000), ao exigir que a educação promova emancipação dos sujeitos, sendo capaz de atender à demanda das camadas excluídas.

Como são os jovens os que mais sofrem com o desemprego, com a violência e com a dificuldade de acesso à educação, nos últimos anos o investimento do Estado brasileiro para resolver as questões da juventude tem sido intensificado. Porém, ao retomarmos o percurso dos investimentos estatais podemos localizar quais imagens se formaram da juventude ao longo das últimas décadas e sobre quais pontos as políticas públicas agiram. Temos, a seguir, uma tabela onde podemos ver os paradigmas vigentes das políticas públicas e as temáticas associadas ao comportamento juvenil, desde os anos 1950:

	<i>Paradigmas da Política Pública¹</i>	<i>Tematização da Juventude²</i>
Década 1950	Incorporação à modernização	“Rebeldes sem causa”
Décadas de 1960 e 1970	Controle social	Geração que ameaça a ordem social (hippie, contracultura, movimentos estudantis)
Década de 1980	Jovem problema	Individualista, consumista, apática (comparada com a geração anterior)
Década de 1990	Capital humano	Vítima e promotora da cisão social
Década de 2000	Protagonismo juvenil	“Jovens em situação de risco” (risco para si e risco para a sociedade)

Fonte: elaboração da autora, a partir dos referenciais citados em nota de rodapé.

¹ Conforme DÁVILA LEON, Oscar. Da agregação programática à visão construtiva de políticas de juventude. IN: **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. Maria Virgínia de Freitas e Fernanda Carvalho Papa (Orgs). São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

² Conforme ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6, 1997.

O que temos é que somente a partir dos anos 90 a discussão sobre políticas públicas de juventude entra na agenda brasileira. Anteriormente, os programas abrangiam as várias faixas etárias, além de num mesmo governo haverem diferentes percepções e conceitos sobre juventude (SPOSITO e CARRANO, 2003; SPOSITO e CORROCHANO, 2005). Em fevereiro de 2005, o Governo Federal aprova o Plano nacional de Juventude e, conjuntamente, o Conselho Nacional de Juventude – responsável pela formulação das diretrizes da ação governamental voltada à promoção de políticas públicas para a juventude e por fomentar estudos e pesquisas sobre a realidade socioeconômica juvenil – a Secretaria Nacional de Juventude (para integrar programas e ações do governo federal) e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM). No mesmo período é criada a Secretaria Municipal de Juventude de Porto Alegre.

2.1 Levante Popular da Juventude: contextualização, organização e bandeiras de luta.

Durante o ano de 2005 algumas reuniões foram realizadas para constituir um grupo denominado “Levante Popular da Juventude” (LPJ). Nesse período é interessante perceber a forma como aconteceu o cruzamento entre essas estruturas organizativas e os diferentes momentos pelos quais passavam os jovens que se agregaram para formar este movimento. Primeiro, temos a deliberação pela Consulta Popular, agrupamento de vários movimentos sociais de massa próximos ao Movimento Sem Terra (MST), organizados desde 1997, para a necessidade de organizar a juventude. A partir daí, os participantes deste movimento retornam para seus estados e começam a articular os jovens que estavam próximos a eles para constituir o movimento.

As falas dos militantes que iniciaram esse processo demonstram um pouco o caráter desse cruzamento:

Passamos a buscar alguns militantes mais dispostos e experientes que pudessem ajudar nesta construção. Passamos a nos encontrar em meados de 2005 e nos colocamos o desafio de, antes de tudo, tentar conhecer, por meio de pesquisas, a juventude brasileira. Só não aceitaríamos fazer isso num sentido acadêmico, de conhecer por conhecer. Era conhecer para lutar junto. Então, depois de juntar alguns dados, fazer alguns debates neste pequeno grupo de militantes, de diferentes movimentos deste campo, mas com muita afinidade política, resolvemos sair de novo pra fora, talvez um ou dois meses depois das primeiras conversas. Pois concluímos que, embora

as pesquisas formais fossem auxiliares, só iríamos conhecer de fato a juventude estando no meio dela. Por isso, fomos atrás de diferentes grupos de jovens, muitos ligados à Igreja ou a cultura Hip Hop, principalmente de periferia, e que já tinha alguma referência em nossos movimentos. Fizemos alguns primeiros encontros, apresentando a proposta e ouvindo os demais, tentando apreender quais as principais preocupações e meios de aglutinar os jovens (Luís).

Duma Assembléia Popular foi destinado um cara que é o Francisco que nos acompanha e tal e ele chamou uma vez uma reunião, convocou tudo que era jovem que ele conhecia e entre esses jovens convocou eu e o Luís, o Luís me convocou no dia ... e aí assim a gente tava numa reunião com jovens e a gente discutindo, “ah, a gente quer organizar a juventude e tal”... uma coisa muito genérica e tal... aí um gurizão levantou o dedo assim “ah! Então vocês o que vocês querem fazer é um levante popular da juventude” aí a gente: “bah! Então é esse o nome” e tal... (Arthur)

Depois disso, houve um encontro no Morro da Cruz, com a presença de mais de 50 jovens. Neste dia, foram trabalhados com os participantes sobre quais seriam os maiores problemas da juventude e quais as possíveis soluções. Segundo Luís a luta anti-racista e feminista já despontava como uma linha de ação importante. Também as apresentações culturais de capoeira e hip-hop foram elementos importantes no dia.

Três meses depois, ocorreria um acampamento em São Gabriel, para lembrar os 250 anos da morte de Sepé Tiaraju. Este acampamento era organizado por diferentes movimentos sociais, grupos indígenas e entidades religiosas e foi uma oportunidade para a organização de um Acampamento da Juventude. Este acampamento, segundo os entrevistados preencheria a lacuna deixada pelo Fórum Social Mundial (FSM) e possibilitaria outro espaço de agregação da juventude para o debate político. Nesse momento, o LPJ ainda não tinha definido sua estrutura de atuação, isso foi sendo construído de acordo com os grupos que compunham a organização. Nesse período houve aproximações e distanciamentos, que nos possibilita inferir um tensionamento na construção e no debate político. Podemos perceber essas tensões a partir das falas dos entrevistados:

Embora ele tenha sido uma deliberação, ele foi bem... ah... pouco intencional, não tinha uma visão estratégica, uma leitura da conjuntura muito profunda que diria que ‘não, precisamos ter uma organização com tal e tal caráter e tal’ não tinha muito isso, tinha um sentimento, uma percepção de que era necessário construir um espaço de organização da juventude e aí se tirou o Francisco pra fazer isso e tal e é por isso que o levante nunca teve um modelo organizativo muito bem definido, sempre foi meio gelatinoso, assim né, menos por opção e mais por consequência assim, né, de como ele foi criado, aí ele nasce como esse espaço de articulação das juventudes, ele tinha esse caráter, tanto é que nas primeiras reuniões participava pessoal do

DCE, enfim, organizações de diferentes matrizes, que nem necessariamente compartilhavam assim dá .. de todos nossos princípios políticos... (Alex)

No levante a gente surge de uma necessidade direta desse público dos Movimentos Sociais, muito mais ligadas ao MST, ao MTD, Pastorais de Juventude, e esse público que é pautado pela idéia do Projeto Popular, só que na medida do caminho, onde é que a gente foi andando assim, e principalmente da mobilização de 2006 pela Universidade foi meio que assim, açúcar no formigueiro, juntou formiga de tudo quanto era tipo e gente de tudo quanto era tipo, dizendo “ah, não! Vocês são os caras, é isso aí mobilização e tal’ só que com um conceito muito genérico e tal... (Arthur)

Bom, nós tentamos muitas vezes, desde lá, montar diferentes núcleos do Levante, espalhados pelos vários lugares do estado onde a gurizada se identificava como Levante. Nossa idéia era nos organizar por núcleos locais, destes saíam representantes que se encontrariam com outros representantes da cidade, estes com outros de outras cidades da região, formando uma regional, e as regiões se encontrariam todo mês na estadual. Na prática, a gurizada sempre teve muita dificuldade em se organizar dessa forma descentralizada. Eram sempre os espaços estaduais que mais atraíam e, na prática, mantinha a organicidade da maioria. (Luís)

O LPJ neste acampamento, ocorrido em fevereiro de 2006, conseguiu agregar em torno de 450 jovens, tanto do meio rural como urbano, e dele foram extraídos três pontos de reivindicação: educação, trabalho e cultura. Com essa linha, a primeira “luta” foi por uma “Universidade Pública e Popular” e tinha uma intersecção com a organização de outro grupo chamado Grupo de Trabalho Ações Afirmativas (GTAA) formado mais ou menos no mesmo período e com algumas pessoas que organizavam o LPJ.

Em junho de 2006 o grupo organizou uma manifestação nos campi do Vale e do Centro com estudantes de escolas públicas. A mobilização teve dois momentos, no primeiro diversas oficinas de grafite, rádio comunitária, redução de danos e ações afirmativas no campus do Vale. No segundo, à tarde, no campus do Centro, ocorreram oficinas de grafite, apresentação de teatro e a entrega da reivindicação de políticas de ações afirmativas na UFRGS para o Vice-Reitor.

Então, dali, depois do acampamento, seguimos trabalhando no tripé que sempre nos orientou: organização, formação e luta. Fomos organizando um grupo, crescentemente maior, que se organizava como Levante e que tocava suas atividades. Fomos apostando na formação, fazendo encontros mensais de estudo com compas mais experientes dos nossos diversos movimentos, como MST, MPA, MAB, MTD, etc. E projetamos uma luta, que queríamos que fosse grande, para dali há alguns meses. A gurizada então, junto com as demais atividades, se tocou a passar em colégios da periferia, igrejas, todos os lugares aonde sabíamos que tinha jovens e que poderíamos chamar pra lutar juntos. Decidimos por fazer uma ocupação simbólica da UFRGS. Primeiro, porque no acampamento a gurizada tinha decidido como bandeira

principal do Levante a educação. E como estávamos puxando a luta das cotas na UFRGS, achamos que seria bem simbólico começar por ocupar a UFRGS, com uma gurizada da periferia que nunca entraria ali sem cotas, mas que ergueu e banca a existência daquela universidade. (Luís)

iniciamos com a pauta da universidade pública e popular, uma das primeiras pautas de mobilização nossa foi lutar por uma universidade pública e popular, aí já tem uma intersecção entre o GTAA e o Levante, né... que a questão das cotas tava muito vinculada a universidade pública e popular, era uma das principais demandas, e depois nós fomos ampliando as nossas reivindicações né... entendíamos que era necessário não só pleitear uma universidade pública e popular, mas uma educação pública e popular, fazer uma discussão com outros setores que tavam ... digamos assim... que não tinham nem perspectiva de entrar na universidade, então nós começamos a fazer uma campanha em defesa da educação pública e popular, aí a partir disso nós tiramos uma linha de se inserir nas escolas públicas, e nas escolas públicas nós começamos a fazer várias atividades, oficinas assim né... um pouco a mesma linha né... tu propor alguma atividade lúdica, recreativa ou artística-cultural e nesse processo de oficinas dessas atividades tu ir politizando e ir fazendo um processo de construção de uma consciência crítica... (Alex)

Essas oficinas resultaram numa manifestação em frente à Secretaria Estadual de Educação (SEC), na qual foi encenada uma intervenção teatral, em maio de 2008. Uns dias antes, em oficinas foram preparadas faixas e várias músicas de reivindicação pelos estudantes. O grupo também participou da campanha pela re-estatização da Vale do Rio Doce, promovendo debates em várias escolas de Porto Alegre. Além disso, o grupo esteve, e está, presente nas marchas organizadas pelo CPERS, pelo MST, no Dia Internacional da Mulher, no 1º de Maio, no Grito dos Excluídos, na Marcha dos SEM, ou seja, nas diversas manifestações organizadas pelos movimentos sociais e datas consideradas significativas pela esquerda. Isto se deve ao fato de que o grupo é constituído por grande parte de jovens que já militam em outras organizações (MTD, MST, MPA, MAB).

O LPJ promove vários encontros estaduais, nos quais participam em torno de sessenta pessoas de várias partes do Rio Grande do Sul, porém a maioria delas é da região metropolitana. São nesses encontros que ocorrem as formações sobre política e agitação e propaganda. Nestes encontros são combinadas ações em conjunto e deliberadas discussões sobre os rumos do movimento. Também é um momento no qual a mística e a noite cultural tem muita importância. É uma oportunidade na qual os integrantes mais novos conhecem outras pessoas e começam a ser socializados na dinâmica da organização.

Atualmente o grupo se organiza por “células”, como eles denominam, ou seja, pequenos grupos organizados territorialmente que desenvolvem atividades em seus bairros e tentam agregar outros jovens. Na célula, também se desenvolve o processo de estudo e de

organização das atividades. Além dessa instância, existe a “secretaria operativa”, na qual reúne os integrantes mais orgânicos e são os responsáveis por organizar os encontros estaduais, as agendas de manifestação e atividades. Eles ressaltam que esta secretaria tem o caráter executivo, de acordo com as deliberações tomadas nos encontros estaduais.

3 AGITAÇÃO E PROPAGANDA: A CONSTITUIÇÃO DE REPERTÓRIOS DE PROTESTO E A FORMAÇÃO DE QUADROS INTERPRETATIVOS A PARTIR DA PERFORMANCE DO GRUPO.

A característica de trabalhar com elementos como o muralismo, o vídeo, a percussão, o teatro é muito marcante em todas as atividades desenvolvidas pelo LPJ. O trabalho lúdico é ressaltado como principal fonte de atração no processo de mobilização. Existe uma “bateria” composta por instrumentos de percussão, alguns feitos a partir de material reciclado, as faixas com os dizeres nas mobilizações são confeccionadas artesanalmente e o grupo tem confeccionado stencil e feito pintura-mural como forma de propagandear suas idéias.

Também observamos que as marchas de mobilização são de uma plasticidade, um colorido no qual não é raro ver os jovens dançando e cantando os gritos de ordem por onde passam. Nas manifestações costuma ocorrer a encenação de alguma esquete que retrata a situação da mobilização, como por exemplo a educação Esta concepção do teatro como instrumento de conscientização política é muito presente e sustenta uma das bases de atuação do LPJ.

3.1 A propaganda a partir de elementos gráficos.

Um dos eixos de atuação do LPJ mais destacados pelos entrevistados é a agitação e propaganda. Basicamente ela consiste na elaboração de stencil, cartazes e pichações³ pela cidade – na maior parte das vezes estes três elementos estão juntos. Essa atuação é desenvolvida pela célula localizada no centro da cidade. Nos encontros semanais se desenvolve os materiais, de acordo com a agenda de “lutas” e também uma formação para quem não tem conhecimento das técnicas (FIGURA 3). Além disso, o grupo faz oficinas de “muralismo”, técnica de pintura em muros, na qual os símbolos pintados são identificados com as temáticas de luta. Essa técnica tem a influência de grupos chilenos, que na década de

³ “a pichação pode ser caracterizada como letras ou assinaturas de caráter monocromático, feito com spray ou rolo de pintura [...] A letra da pichação é composta por traços retos que formam diversas arestas em uma forma homogeneizadora” (SPINELLI, 2009a, p. web).

70, usavam os muros das cidades para denunciar a ditadura militar. Podemos pensar numa aproximação com o grafite, pois conforme ressalta Spinelli,

O grafite, por ser feito sobre um suporte urbano repleto de signos da comunicação de massa, está em inevitável diálogo com todos esses signos e com o entorno. São cartazes, placas de trânsito, placas de pedestre, adesivos, painéis luminosos, *outdoors*, *bus-doors*, e uma infinidade de dizeres e imagens que surgem freneticamente no percorrer uma grande avenida em Porto Alegre ou Paris. (SPINELLI, 2009, p. web).

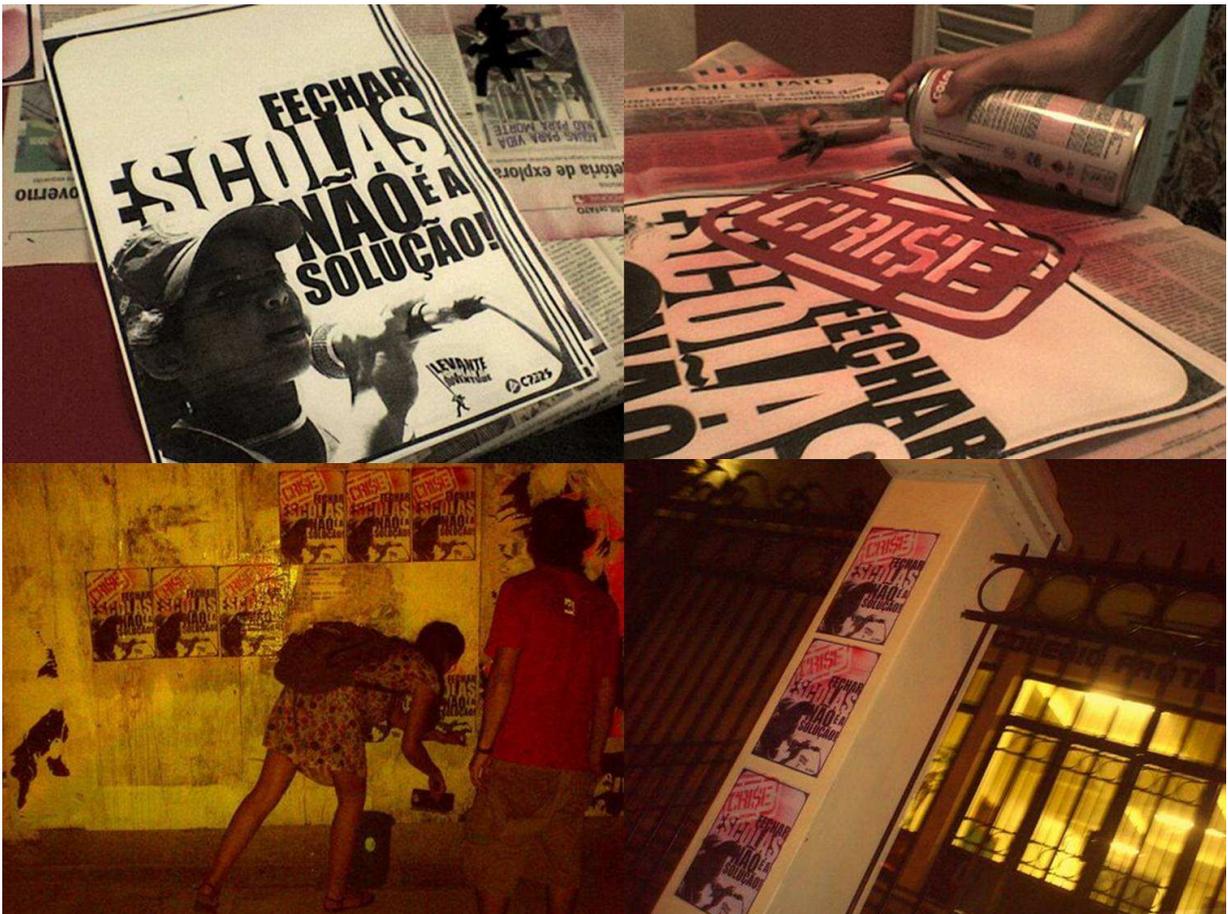


FIGURA 3: na parte superior esquerda o cartaz a ser colado, depois o stencil com a palavra crise, abaixo o grupo colando os cartazes em muros do centro da cidade. Fonte: <http://www.levantepopulardajuventude.blogspot.com/>

No período da observação, foram feitas intervenções no dia anterior da primeira manifestação sobre o tema da educação. Uma semana depois, foram utilizados cartazes contra o agro-negócio, alusivos ao chamado “Abril Vermelho”. E no final deste mês, juntamente com outros grupos, mais cartazes em apoio ao MST, no qual os dizeres eram: Somos todos Sem Terra.

Spinelli (2009a) faz uma comparação entre a pichação e a propaganda, já que as duas são manifestações simbólicas difusas, que podem ser compreendidas a partir de diferentes níveis. No entanto, a propaganda desfruta de legitimidade enquanto a pichação é

relegada à marginalidade. O importante é observar a relação destas intervenções com a paisagem urbana no processo comunicativo (FIGURA 4). A escolha por determinado local, a incidência das intervenções, o alcance de determinados públicos são aspectos importantes para a composição da intervenção.

As intervenções do LPJ se caracterizam pela colagem de vários cartazes que contém imagem e frases e por cima disso, uma moldura pintada com rolo e alguma pichação relacionada com o tema da intervenção. O objetivo neste caso não é disputar espaço com os *crews*⁴, mas é estabelecer um diálogo com estes jovens, pois se utilizam da mesma linguagem. Ao mesmo tempo em que busca difundir idéias para a população em geral.

Nestas imagens podemos perceber a escrita em *picho-reto* da palavra “fome” (lado superior direito) e em outra foto um outdoor de uma grande rede de fast-food e logo abaixo a intervenção do grupo com a palavra “fome” destacada (lado esquerdo inferior).



FIGURA 4: intervenção no “Abril Vermelho”, cartaz com os dizeres: Agro Negócio, Cultura da Fome. Fonte: <http://www.levantepopulardajuventude.blogspot.com/>

⁴ Crews, bondes ou coletivos é a designação utilizada pelos grupos de pichadores ou grafiteiros.

O coletivo de agitação e propaganda do LPJ nos permite estabelecer paralelos com a dinâmica dos *crews*. Segundo Spinelli (2009), o epicentro das atividades é o centro da cidade e seus acessos, como as grandes avenidas pelas quais passam milhares de trabalhadores todos os dias. Os jovens “fazem, com isso, uma ressignificação do modo de habitar a cidade e marcam, no percorrer urbano, um itinerário que se reconhecem” (SPINELLI, 2009, p. web).

Este sujeito ao realizar a intervenção desafia o Estado, ao infringir o artigo 163 do código penal e também desafia a “moral estabelecida” que coloca o pichador como delinqüente. No entanto, essas condicionantes são mais um incentivo para a ação, já que são identificadas pelo coletivo como elementos de um sistema que eles querem transformar. Além disso, também é interessante analisar que o grupo não assina as intervenções e mesmo querendo comunicar suas idéias políticas, a questão do anonimato pode ser explicada pelo que Canevacci chama de uma presença fantasmática:

O que o escritor anônimo quer comunicar não são palavras, mas, sim, a sua presença fantasmática, que pode atingir o alvo quando e onde queira, nas cornijas mais altas, nos edifícios mais elegantes, nas perspectivas mais vertiginosas. Porque o sentido do discurso consiste tão-somente em atestar a existência anônima, a abstrata presença das pichações árabe-góticas (CANEVACCI, 1993, p. 183 apud SPINELLI, 2009, p. web)

Estas intervenções possuem alguns momentos distintos. O primeiro é o processo de criação e produção do material. São nestas reuniões semanais que se criam os materiais ou se aprende a fazê-los. A partir das idéias que surgem e da temática definida se escolhem as imagens e se elaboram as frases. Depois da confecção do material, o segundo momento é a colagem nas ruas. Este é um momento muito significativo, quase um ritual. O grupo se encontra no final da noite, prepara o *grude*, uma mistura de farinha de trigo, água e soda cáustica. Enrolam os cartazes para facilitar a colagem e se dividem em equipes.

Cada equipe conta com quatro ou cinco pessoas que seguem uma rota específica. Este percurso é feito no início da madrugada e requer cuidados. A cidade conta com um aparelho repressivo forte, pois existe até um serviço de “disque-pichação” para autuar os pichadores em flagrante. Então, a saída para a colagem envolve certo perigo e com isso a questão da confiança entre os integrantes acaba sendo exercitada.

3.2 O teatro como instrumento de conscientização política.

O teatro é outro elemento muito importante no repertório LPJ. Várias manifestações já tiveram como ponto alto a apresentação artística como forma de contextualização política do que estava sendo debatido. Também nos encontros estaduais geralmente ocorre alguma oficina de teatro. Esta é outra estratégia para que o dispositivo do teatro atue como um elemento mais lúdico de formação política. No entanto, o teatro propicia um espaço de criação e vivência em grupo interessante. Pudemos sentir o efeito desta prática no grupo, ao participarmos da intervenção em memória aos 10 anos do massacre de Eldorado dos Carajás. O local escolhido foi o Campus do Vale da UFRGS. A escolha se deu porque o grupo pretende organizar uma célula do LPJ neste espaço. E avaliaram que seria um momento interessante de começar a inserção no campus.

A intervenção proposta já tinha sido feita no ano anterior na esquina democrática, no centro de Porto Alegre, e era relativamente simples. Uma marcha, um pano vermelho estendido e as pessoas, todas com roupas pretas, iriam cair em posição de mortos e ficar ali por uma hora. Antes do início da intervenção foram pintadas duas faixas para contextualizar a manifestação, e ainda teria 200 panfletos para a distribuição. Nas faixas estavam escritas as frases: “Chega de Impunidade” e “13 anos do massacre de 19 sem terra em Eldorado dos Carajás”. A hora escolhida foi o intervalo entre o final das aulas da manhã e o início das aulas da tarde. Neste horário o fluxo de estudantes é intenso, pois muitos estão saindo ou chegando para suas aulas e, em muitos cursos, o turno de aulas é integral. Perto do local escolhido (a parte central do campus, no pátio em frente à lancheria) a fila para o almoço no Restaurante Universitário concentra boa parte das pessoas.

Durante a ação o grupo se deslocou uns cinquenta metros, se aproximando da fila de pessoas, e voltando-se para a parte onde acontecerá a intervenção. Eles estão organizados numa fila, alguns carregam uma folhagem chamada popularmente de Espada de São Jorge, outros trazem o pano vermelho que está dobrado, dois ficam responsáveis pelos instrumentos que darão o tom musical. Começam a marchar e a cantar uma canção, deslocam-se lentamente. Estendem o pano vermelho no chão, colocam as folhagens que agora formam cruzes, no número de 19, lembrando os mortos em Carajás. Ainda cantando, cada um adentra o espaço vermelho e um a um vão caindo mortos, com seus chapéus de palha.



FIGURA 5: Intervenção cênica em memória dos 13 anos do massacre de Eldorado dos Carajás, dia 17 de abril de 2009, no Campus do Vale, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS. Fonte: <http://www.levantepopularadajuventude.blogspot.com/>

Neste momento, muitas pessoas já estão atentas para a significativa mudança de cores no pátio da universidade. Ficam atentas, em silêncio, esperando a seqüência de acontecimentos. E nada acontece! Eles continuam caídos, no chão de cimento, sem se mover. Os panfletos começam a ser distribuídos e neles consta a explicação da intervenção. A partir daí para os atores será uma hora de imobilidade aparente e efervescência militante (FIGURA 5).

Muitas foram as manifestações do público presente contra os sem terras. Ouviam-se frases do tipo “isso é coisa das ciências sociais” ou “sem terra tem que morrer mesmo” demonstrando um pouco do clima no local. Depois que acabou a intervenção, os participantes estavam muito afetados, uns indignados, outros eufóricos. Os relatos versaram sobre as dores físicas que sentiram ao ficarem uma hora deitados num piso de cimento sem se mexer, mas, sobretudo de ficar uma hora ouvindo os comentários das pessoas, visivelmente incomodadas com a alteração espacial do campus do vale. Um grupo de estudantes, sentando em uma mesa ficou o tempo todo fazendo comentários, observando quem se mexia e no fim jogaram

moedas no pano vermelho. Os militantes diziam que provavelmente eram da engenharia. Para muitos foi a primeira experiência cênica e produziu entre eles um sentimento de indignação e ao mesmo tempo de que era necessário “continuar lutando”.

3.3 A Animação das batidas: a análise de um ritual político.

Durante o período de observação da pesquisa, participamos de duas marchas. A primeira foi organizada pelas centrais sindicais, de caráter nacional, contra as demissões ocorridas por causa da crise internacional. No Rio Grande do Sul, a situação da educação também foi pauta das manifestações. Com isso, o roteiro da marcha saíria de vários pontos da cidade.

A concentração do LPJ foi na Escola Júlio de Castilhos, o Julinho, histórico colégio e referência do movimento estudantil. Bem cedo já estacionou na frente da escola um caminhão de som e a Brigada Militar começou a aumentar seu efetivo. E assim, os ônibus vindos de várias escolas, capitaneados por grêmios estudantis ligados à UNE, fizeram com que muitos estudantes desembarcassem na praça em frente ao Julinho.

Aos poucos os militantes do LPJ começaram a chegar. Um deles é o responsável pelo transporte dos instrumentos e dos adereços que vão ajudar na identificação do grupo. Os instrumentos são para a percussão. Bumbos, tamborins e muitas latas de tinta e recipientes de plásticos compõem a bateria da animação. Para este dia também foram preparados alguns cartazes com os dizeres: “CRISE: fechar escolas não é a solução”.

O grupo se organizou no final na marcha, a fim de evitar que o carro de som abafasse os cantos e a bateria. Duas pessoas carregaram a bandeira com o logotipo do LPJ e o restante estava da bateria, a maioria do grupo vestia roupas pretas e estavam com lenços vermelhos amarrados no pescoço (FIGURA 6). Numa observação mais atenta, vemos que este posicionamento não é ocasional. Dentro do grupo existe uma crítica forte à forma como o movimento estudantil se tem organizado. O grupo questiona a postura de colocar algumas pessoas com o poder da fala no carro de som e a maioria somente seguindo o caminhão.



FIGURA 6: Manifestação contra a crise e pela educação, ocorrida em 30 de março de 2009, em Porto Alegre/RS. Fonte: arquivo pessoal

O LPJ procura se organizar nas marchas a partir dos cantos e gritos de ordem. É interessante que algumas músicas são compostas pelos integrantes do grupo, baseadas em funks, cantos argentinos e até mesmo das torcidas de futebol. O relato sobre o processo de elaboração revela um entendimento de que é necessário criar um novo tipo de comunicação com a juventude.

Na verdade as músicas das marchas, de modo geral, são adaptações que eu e o Alex fazemos das músicas da geral do Grêmio, a gente só bota uma letra em cima duma batida... deixa eu engrenar “dessa vez custe o que custe/ a educação vai melhorar/ lá no morro ninguém mais acredita/ nas mentiras que a Yeda vai contar”... tipo isso é batida de torcida do Grêmio... é a mesma “dessa vez custe o que custe/ quero te ver ganhar/ dá-lhe Grêmio, dá-lhe dá-lhe Grêmio/ dá-lhe Grêmio dá-lhe sem parar”. A gente faz umas modificações em cima das músicas do Grêmio. A gente vai junto no jogo, a gente fica escutando as musicas “bah essa batida é boa”, porque é uma batida que pega também, ela é fácil de marcar também... Antes a gente cantava as músicas, tipo... mais essas dos camponeses “esse é o nosso país, essa é a nossa bandeira...” a gente não consegue cantar isso numa atividade, sabe, quando vem numa atividade aqueles violeiros que puxam fica meio estranho, pelo menos pra galera de juventude assim, acho que fica meio... e as batidas assim, sei lá, acho que pega todo mundo e é fácil assim, tem uma

marcação boa, sei lá, acho que a galera se empolga, é um plágio assim, mas é uma sacada boa... tipo muita gente canta no estádio, a gente “bah, porque não levar pra luta”, sabe... (Gabriel)

O percurso da manifestação é feito pelos integrantes do grupo com coreografias. Por exemplo, quando eles cantam os versos “*ah que ver as coisas que passam/ ah que ver as voltas que dão/ Como um povo que caminha para frente/ E um governo que caminha para trás*” o grupo gira, caminha pra frente e pra trás. Estes movimentos parecem simples, mas no conjunto da manifestação causam um impacto interessante, visto que os outros blocos seguem o caminhão de som como “zumbis”, conforme a crítica de algumas pessoas do grupo. Além disso, essa diferença é um dos motivos de agregação do grupo, conforme podemos perceber no seguinte trecho da entrevista:

Isso faz com que bom... Diga: “olha eu não to triste, eu vim pra uma luta porque eu acredito nela” agora eu acho que o impacto que causa uma diferença assim, e hoje a gente vai ver isso, que vai vir um bandão caminhando, parece que tão morrendo, que é uma marcha fúnebre e dizendo “que o protesto e que não sei o que”... Enquanto vem aquele grupão atrás, todo mundo com a boca no trombone e cantando e dizendo “olha estamos preparados pra fazer luta e a nossa luta ela é diferente”, então isso é muito bom! (Amanda)

Outro momento significativo desta performance é quando todo o grupo se abaixa, e um deles grita “*Querem saber quem eu sou?*” e os que estão abaixados respondem: “*Levante*”, mais uma vez ouvimos o questionamento: “*Querem saber quem eu sou?*” Aí o grupo todo levanta e começam a pular cantando em ritmo de samba: “*Eu sou Levante/ Sou estudante isso mesmo sim senhor/ Quero mostrar que a educação tem seu valor/ Estou na luta com o povo trabalhador*” .

Um momento anterior a este, é o “ensaio da bateria”, que ocorre normalmente no domingo anterior ao dia marcado da manifestação. O ensaio que participamos ocorreu perto do Parque da Redenção. Um local muito freqüentado aos domingos por diferentes jovens da cidade. O ensaio foi para a participação na segunda manifestação observada, exatamente um mês após a primeira. Desta vez, a concentração foi no Gigantinho, local que abrigava a Assembléia dos Professores Estaduais organizada pelo CPERS, novamente a pauta era a educação e a crise internacional.

No ensaio de bateria foi proposta a construção de uma paródia de um funk, estavam presentes em torno de 15 pessoas. Primeiramente, ouvimos a música original no rádio do carro de um dos integrantes do grupo. Depois fomos para a praça ao lado do Instituto de

Educação, os instrumentos foram disponibilizados e se formou uma roda. A partir da batida do funk, que foi ensaiada algumas vezes, as pessoas iam construindo as rimas. Num primeiro momento foi uma chuva de idéias, cada um tentava rimar e uma pessoa ia anotando, os outros integrantes tocavam a batida e cantavam pra ver se encaixava. Depois de algumas horas tinham-se vários versos, que foram cantados na seqüência e reestruturados para que a música tivesse um sentido. Novamente o clima descontraído, permeado por conversas sobre questões pessoais, mas ao mesmo tempo voltado para o foco do encontro, de construir a música e sair com algo ensaiado para a manifestação da semana seguinte. Ao final da tarde, eles tinham mais um “hit” do LPJ:

A crise é dos rico e os pobre é que se fode no poder só tem playboy (4x)

Ôô juventude chego, organizados no Levante
junto com trabalhador, ôô juventude chego
no campo e na cidade, vamo mete o terror (3x)

Agora virou moda, crise internacional
demitindo todo mundo, pra playboy não passa mal (2x)

E o trabalhador que se ferra todo dia, chega no fim do mês
a panela tá vazia (2x)

O jovem da cidade estudando, coisa e tal
trabalhando noite e dia, escravos do capital (2x)

Ôô juventude chego, organizados no Levante
junto com trabalhador, ôô juventude chego
no campo e na cidade, vamo mete o terror (3x)

A linguagem utilizada não tem preocupações com concordância verbal, mas sim um cuidado para que sejam utilizados termos coloquiais e que não reproduzam os jargões já usados pela esquerda, por isso a palavra “playboy” e não “burguês” na estrofe acima. O grupo também canta em ritmo de funk os versos de Bertold Brecht

Privatizaram sua vida, seu trabalho, sua hora de amar e o seu direito de pensar. É da empresa privada o seu passo em frente, seu pão e seu salário e agora não contentes querem privatizar o conhecimento, a sabedoria, o pensamento que só à humanidade pertencem.

Com isso, percebemos a importância da música na configuração dos repertórios de protesto do grupo, a escolha dos ritmos muito identificados com a periferia, como o funk e o samba. A opção por utilizarem os espaços de encontro de forma lúdica, compondo as músicas,

fazendo versões e ensaiando para as manifestações. Além disso, este é mais um momento de convivência e formação política, porém de forma mais descontraída e solidária. O que acaba por reforçar os laços de amizade entre os militantes.

Podemos considerar essas manifestações como rituais, pois primeiro “*os nativos marcam esses momentos como distintos dos acontecimentos cotidianos; segundo, trata-se de uma performance coletiva para atingir determinado fim; terceiro, os eventos possuem uma ordenação que os estrutura*” (PEIRANO, 2001, p. 35). Nesse sentido, todos os elementos trabalhados pelo LPJ, quais sejam, a agitação e propaganda, as intervenções cênicas e a participação nas marchas contribuem para a formação de uma identidade coletiva.

Tomando a análise de Chaves (2001) sobre a Marcha Nacional do MST, a autora aborda pontos importantes sobre a análise de rituais políticos, principalmente ao “*desvendar a interação efetiva e os nexos significativos entre agente, ato e sociedade*” (CHAVES, 2001, p. 135). Com isso, ela demonstra como o fator religioso foi preponderante para a legitimação do MST, e que a série de eventos realizados durante a Marcha Nacional contribuiu para um ganho simbólico do MST em nível nacional, ao mesmo tempo, construiu a identificação coletiva entre os participantes da marcha. Segundo a autora

a conjugação entre representação com ação presente nos rituais desdobra-se em uma tensão entre reprodução e inovação, pois embora não completamente determináveis, os resultados pragmáticos antevistos são esperados, e mesmo desejados (CHAVES, 2001, p. 140).

No caso do LPJ a interação efetiva se dá pela conjugação de elementos da cultura juvenil com um direcionamento político mais amplo. Dessa forma, se cria uma ponte que possibilita uma identificação pela especificidade, no caso a juventude, com um horizonte mais amplo, vislumbrando um projeto coletivo alicerçado na relação com os outros movimentos sociais. Isso faz com que o jovem se veja realizador de algo no presente, participando efetivamente da construção de um projeto.

4 DA CONDIÇÃO À AÇÃO: REDES INTERPESSOAIS, MILITÂNCIA E PROJETO DE VIDA.

Já nos referimos rapidamente ao processo de formação do LPJ sob a perspectiva conjuntural da formação de um campo de juventude no Brasil, a partir de uma série de políticas públicas e da demanda dos movimentos sociais por organizar essa categoria. Neste capítulo, tratamos deste mesmo momento, mas sob o viés da trajetória de vida destes jovens que encamparam essa ideia, procurando entender quais foram os caminhos percorridos, os encontros fundamentais e as redes formadas na constituição do LPJ.

Dessa forma, a partir das entrevistas vimos que um dos jovens convidados para começar a organizar o grupo foi o Luís. Seu envolvimento, porém, começara bem antes. Segundo ele, desde a escola, onde estudou num colégio particular de freiras “*bastante progressista*”, e no qual recebia estímulos para debater os problemas sociais. No segundo grau, ao participar de um ato organizado pela CUT, no 1º de maio, “*uma falassada com menos de 50 pessoas na frente do largo do expedicionário. Mas eu mal entendia o que estava acontecendo. O importante para mim é que eu estava fazendo uma coisa que achava importante pra classe trabalhadora*”.

Nesta participação conheceu alguns jovens do Partido dos Trabalhadores (PT), participou de várias atividades, mas acabou se desiludindo, pois percebia que o grupo queria sempre “*dar a linha*” da frente ampla que eles estavam constituindo no movimento estudantil. Nesse momento, participou dos FSM no qual buscava informações “*e reforçava uma imensa mística*”. Além disso, estava concluindo o ensino médio e precisava escolher uma faculdade.

Uma série de fatores o fez optar por Ciências Sociais (CS), pois queria ser professor de política, e na Universidade Federal não existia um curso de Ciência Política.

Entrei pensando que, tendo ali **um curso de quatro anos de formação política de esquerda, poderia, com aquilo, ajudar a mudar o mundo**. Que decepção ao descobrir que a Ciências Sociais da Universidade não quer mudar o mundo, nem se coloca mais esse objetivo. Quer apenas ganhar a vida estudando sobre a vida dos outros (Luís).

A partir do ingresso na Universidade, em 2002, mesmo sendo um militante orgânico do PT, passou a discordar da maneira pela qual os outros militantes agiam dentro do movimento estudantil, boicotando atividades que não fossem propostas pelo PT. A partir

disso começou a buscar outros espaços para militar. Ao participar de uma palestra na Universidade sobre a tentativa de Golpe na Venezuela, conheceu a Associação pela Tributação das Transações Financeiras para Ajuda aos Cidadãos (ATTAC),

O que me aproximou, num primeiro momento, **foi o contato pessoal com os companheiros do ATTAC**. Uma relação de amizade, de parceria política. Em seguida, aquele grupo organizou um curso, no qual passaríamos um ano estudando o livro *Para Além do Capital*, de István Mészáros.

Pra minha sorte, naquele grupo de estudos estavam alguns dos principais dirigentes dos movimentos da Via Campesina no RS. Foi ali que os conheci pessoalmente e fui encontrando o caminho de militância com o qual mais me identificava (Luís).

No final desse curso, em 2004, ficou sabendo que o MTD estava organizando um trabalho de base junto aos núcleos do Fome Zero, em Porto Alegre, e começou a participar daquela atividade.

Comecei, então, a visitar núcleos nas vilas da região metropolitana e acompanhar alguns deles em reuniões com a prefeitura. **Cada vez mais eu ia observando a distância imensa que existe entre o Estado brasileiro e seu povo**, seja a parte do Estado administrado pelo PT, no federal, seja na cidade ou no estado.

Bom, passei, desde então, a acompanhar os núcleos do MTD e fui, aos poucos, me centralizando pela sua organicidade. Nesse meio tempo, a partir de março de 2005, passei a participar de outros espaços de convívio com compas de outros movimentos, daonde surgiu depois o Levante da Juventude (Luís).

Estes outros espaços de convívio também são referidos por outros dois entrevistados, Arthur e Alex, também estudantes de CS. O primeiro era amigo de Luís desde os treze anos de idade, os dois freqüentavam a seicho-no-ei⁵ e militavam na instituição. Para Arthur a militância teve muito a ver com sua experiência na escola particular, pois não gostava dos seus colegas, sofria insultos e começou a estudar numa escola “*menos elitizada*”, pois segundo ele, começou “*a enxergar que esses valores são muito ligados, não só as pessoas que estão lá, mas sim ao modo de vida delas*”. Com isso, ele relata que entrou na militância mais por uma relação sentimental do que teórica:

eu não peguei um livro lá do Marx e “ta luta social é legal” eu entrei porque ah... tinha o Luís que era meu amigo... Um amigo meu me chamou de burguês uma vez e eu me senti insultado. Comecei a pensar sobre isso...

⁵ Uma filosofia/religião de origem japonesa.

Não gostava do público com o qual eu me relacionava de determinada classe, então é um processo de construção (Arthur).

Ao ingressar na Universidade, ele, Luís e Alex, entre outros, montaram o Coletivo Educação e Luta, este grupo atuou no acompanhamento dos núcleos do Fome Zero, a partir do convite do MTD. Além dessa atuação com o MTD, este coletivo também foi embrião de outro grupo no qual Alex participou ativamente, o GTAA que lutava pela implementação das cotas raciais e sociais na UFRGS. O interessante é que este GTAA foi construído a partir de uma atividade organizada para debater o currículo do curso de CS – o Congresso das Sociais – também organizado por este grupo (Luís, Alex, Arthur). A trajetória de Alex, também é marcada por uma experiência significativa na escola, ou melhor, nas escolas. Ele estudou em uma escola pública até a 7ª série e depois passou a estudar em uma escola particular.

A escola pública foi importante para formação dele, pois vivia em um bairro de classe média baixa e na escola convivia com pessoas da mesma classe média e gente em condições piores, e isso promoveu uma experiência rica em sua vida. Porém, o aprendizado não era de qualidade, Alex relatou que tinha muitos períodos vagos durante a semana, o que “*demonstrava a decadência do ensino público*”. No entanto, destaca a importância de ter estabelecido vínculos com extratos sociais diferentes.

Na escola particular os colegas tinham um padrão superior e ele estava abaixo na hierarquia econômica, mas no que se refere ao aprendizado foi superior ao que havia tido até então. Neste espaço, começou a discutir sobre política e, mais para o fim do ensino médio, ele e os colegas criaram uma organização, o Movimento Anti-Retaliação contra o imperialismo norte americano. Segundo ele, embora o ambiente fosse hostil, fizeram camisetas e vendiam na redenção, realizaram uma Marcha Contra a Guerra e a Favor da Paz e foi neste período que conheceu as pessoas que o levaram para “*uma militância mais profissional*”. Obteve contato com diversos grêmios estudantis e com a juventude do PT, participou do Fórum Municipal da Juventude em 2002.

Ao ser questionado sobre a escolha do curso, disse que teve influência da família e de um professor, pois ele pensava em cursar história e ao ler um livro de sociologia se encantou, mas relata certo estranhamento, pois seus amigos estavam optando por Direito, Medicina, Administração e ele escolhendo CS, mas enfatiza que sempre buscou sua realização pessoal ao fazer o que gosta. Mesmo já com um histórico de envolvimento político anterior ao ingresso na Universidade, relata que em seus primeiros anos de faculdade seu

objetivo era ler e estudar, porém os conflitos eram grandes, pois sabia que o “*protagonismo político*” deveria partir dele.

Na faculdade conheceu várias pessoas que o fizeram rever as suas atitudes, conheceu o Luís na metade da faculdade e foi este quem apresentou uma proposta de construir um espaço acadêmico para discussão. A idéia inicial foi o Coletivo Educação e Luta, com pessoas que compartilhavam dos mesmos pensamentos.

Esse coletivo desenvolvia um trabalho nas vilas, era formado por estudantes inconformados com a Academia e com os movimentos estudantis tradicionais, **queríamos uma alternativa para isso**. Posteriormente a isso, surgiu um movimento dentro da universidade, interno, que foi o Congresso das Sociais, o Luís trouxe a idéia de discutir o currículo do curso. Este movimento era composto por GTS que tinham dimensões específicas e o GTAA foi em frente. Lutávamos pela implementação das cotas na UFRGS (Alex).

Outro participante ativo do LPJ, também integrou o Coletivo Educação e Luta, Gabriel, mas quando perguntado como se deu a aproximação, ele me diz “*não sei como... a minha namorada conheceu alguém também não sei onde e começamos a participar*”. Talvez isso possa ser melhor compreendido porque Gabriel mora numa cidade da região metropolitana de Porto Alegre e, naquele momento, cursava Ciência Política na ULBRA. Ou seja, não compartilhava das mesmas redes que os três anteriormente descritos. Mas sua trajetória militante possui pontos em comum com as anteriores, pois também participou do grêmio estudantil na sua escola e a partir da relação com colegas militantes do PT, acabou filiando-se ao partido. Porém, ao participar de um Congresso da UBES, percebeu que não era o tipo de militância que ele queria.

Eu não entendia muito bem, na real, o que tava acontecendo, mas eu achava sei lá... **meio sem nexos aquele discurso das correntes do PT com os outros partidos brigando** pra ver quem ia compor os cargos da UBES e tal, daí acabei saindo do movimento estudantil (Gabriel).

O ano era 2005, quando estes jovens se organizavam a partir desses dois movimentos: o Coletivo Educação e Luta e o GTAA, no primeiro realizavam atividades fora da Universidade, em vilas e contavam com o apoio do MTD. O segundo, era uma demanda interna, surgida a partir da inconformidade com a estrutura do curso e com uma luta pela democratização do acesso ao ensino superior. É neste mesmo período que o LPJ, que ainda não tinha este nome, começou a organizar suas primeiras reuniões, ao mesmo tempo, o

Coletivo Educação e Luta se desfaz e o GTAA amplia o diálogo com o Movimento Negro e outros Movimentos Sociais, extrapolando a participação inicial, formada por estudantes de CS. Com isso, estes jovens já haviam experimentado diversos tipos de engajamento, no movimento estudantil (tanto no ensino médio quanto na universidade), em partidos políticos e, mesmo de forma incipiente, nos movimentos sociais que realizavam trabalho de base. É a partir dessas experiências que o LPJ começa a ganhar forma.

Outra via de “recrutamento” para a participação no LPJ, se deu a partir de oficinas de seicho-no-ei realizadas por Luís e Arthur no colégio Julinho. Essas oficinas eram realizadas sem esse intuito, porém, o contato entre os jovens acabou por influenciar na participação dos estudantes do Julinho no LPJ. Nesses encontros eles conheceram Leandro, Zé e Rosa. Estes três vão integrar-se ao movimento em diferentes épocas de suas vidas. Novamente vamos reconstruir a trajetória desses jovens para mostrar o ingresso no LPJ no momento de vida que estavam, para com isso, entendermos como se deram as *transformações nas redes interpessoais* (Mische, 1997) em suas vidas.

Desse grupo, o primeiro a se engajar no LPJ foi Leandro. Ele nasceu no bairro Cruzeiro, na periferia de Porto Alegre. Morou por alguns anos no bairro e, depois da separação dos pais, foi morar num bairro classe média da cidade, já que seu padrasto era zelador de um prédio. Essa mudança foi significativa para ele, pois a experiência de conhecer a realidade tão diferente de dois bairros o marcou, como ele diz, conheceu “*os dois lados da moeda*”.

Depois disso, passou por mais mudanças ao morar em outro bairro pobre da cidade, a vila Santa Rosa, e, após a separação de sua mãe, retornar a vila Cruzeiro. Nessa época, estava no início da adolescência e, com a mudança, acabou perdendo os vínculos com os amigos do antigo bairro. Foi um período difícil, já que o irmão mais velho tinha se envolvido com o tráfico de drogas e a irmã mais nova engravidou aos treze anos, e acabaram se mudando novamente. Com 15 anos, viu-se obrigado a trabalhar, pois sua mãe sofreu um derrame e acabou perdendo o emprego de empregada doméstica.

Eu comecei a trabalhar em obra, de peão, comecei carregando terra, carregando tijolo, fazendo concreto, tentei várias vezes procurar emprego na cotravipa, que é a cooperativa aquela de trabalho de limpá rua, sabe, eu e a minha mãe, não conseguimos, várias vezes a gente foi cata lata pra sobreviver, pedi pão em padaria de manhã cedo quando não tinha... Trabalhei de garçom em restaurante, lavando prato, trabalhei de ajudante de mecânica, pintando torre de transmissão, trabalhei vendendo picolé, vendendo cd... **Mas entre um período e outro, quando ficava**

desempregado tentava estudar, porque daí eu comia no colégio, comia um monte na hora da merenda e voltava pra casa... (Leandro)

Novamente na vila Cruzeiro, acabou fazendo um grupo de amigos que o apoiavam, pois com eles conseguia divertir-se um pouco, e para ele isso fazia diferença. Desse grupo, ele relata que três estão mortos, dois presos e todos os outros tem família e filhos, menos ele e um outro. A avaliação que Leandro faz é de que ele não sabia o que queria, mas sabia o que não queria, pois ao ver o que passava em sua volta que ele acabou não seguindo o mesmo rumo. A relação com a escola era um investimento forte que Leandro fazia,

E eu sempre trabalhando e tentando ir pra escola, tentando ir pro colégio, **porque o colégio é a única coisa que parece que te mantém situado da tua faixa etária** em determinado momento, porque no trabalho tu tem que se homem, e no colégio tu pode ser guri... (Leandro)

Com isso a escola era o espaço social no qual ele conseguia ainda interagir, mesmo com o rendimento escolar muito baixo, devido ao cansaço do trabalho, ele relata que foi “se criando nas exceções” e, não sabe como, foi aproximando-se da leitura, da literatura “*achava legal de falar bonito*”. Conseguiu terminar o primeiro grau com 16 anos e continuava trabalhando. Começou a cursar o ensino médio numa escola de um bairro classe média, conhecendo pessoas de “*outras realidades*”, porém não conseguiu terminar o primeiro ano do ensino médio nessa escola, repetindo três vezes. Assim, começou a estudar no Julinho. Nessa mesma época, trabalhava de guarda noturno e aproveitava o tempo para ler. Quando perguntado sobre a origem desses livros, de onde eles vinham?

Bah... esses livros vinham de vários lados, porque teve uma época que eu fiz um curso na Febem e aí **eu descobri a Febem botando um monte de livro no lixo, e sei lá, por curiosidade**, eu vim com dois sacos de livro nas costas pra casa e aquilo era o que eu lia... mas eu lia leituras que não tinham fundamento político, assim.... eu lia muito conto policial... (Leandro)

Enquanto trabalhava de guarda noturno resolveu procurar outro tipo de trabalho, igual “*ao que a gurizada do condomínio tem*”, pois segundo ele, essa aproximação com jovens de outra categoria social possibilitou que ele conhecesse os *estágios*. Acabou sendo estagiário da CEEE, e pela primeira vez, teve contato com o computador. Para ele, “*lá foi o primeiro passo que eu dei pra sair desses trabalhos e conhecer outras realidades, foi lá que eu conheci a internet, eu usava muito a internet pra ler...*” (Leandro).

Estas mudanças na vida de Leandro, quais sejam, estudar em outro colégio e conseguir outro tipo de trabalho, ocorreram na mesma época ele conheceu Luís. Esse encontro com Luís é considerado fundamental para seu ingresso na militância, pois ele afirma que “*eu entendo a vida toda como um processo, mas tem certas coisas que são determinantes, e conhecer o Luís e entrar no Julinho foi determinante pra mim entrar na militância política*” (Leandro). Convidado por um amigo, ele começou a fazer a oficina de seicho-no-ei no Julinho, ali conheceu pessoas que “*queriam outra coisa da vida*”. Nesse espaço, eles conversavam sobre vários assuntos, e Leandro relata que achava Luís muito inteligente e por isso se mantinha próximo dele. Acabaram ficando amigos e Luís indicava algumas leituras para ele.

E o Luís me indicou sem eu nem... tinha lido só livro de literatura... o primeiro livro de política que eu li é Dialética do Concreto, do Karel Kosik, fiquei seis meses lendo, **mas foi meu primeiro contato com o marxismo**, e nas leituras, eu acredito que a gente tem um divisor de águas, que eu nunca mais li literatura de lá pra cá...(Leandro)

A aproximação dele com a esquerda se deu primeiro a partir dessas leituras. Utilizava o tempo na CEEE para ler no computador e conversava com Luís pelo MSN. Também participou de algumas atividades, mas acabou saindo da CEEE e foi trabalhar num xérox. E com isso acabou afastando-se, pois trabalhava oito horas por dia e não conseguia acompanhar as atividades. Trabalhou durante alguns meses nesse local e foi demitido. Nessa mesma época, estava sendo organizando o Acampamento da Juventude. Arthur que também participava das oficinas da seicho-no-ei, acabou convidando Leandro para participar da equipe de mística do Acampamento. Para Leandro, o termo era totalmente estranho, mas ao participar de uma reunião entendeu que “*era uma atividade cultural*”. Como estava passando por um momento difícil, estando desempregado, esse convite foi uma oportunidade para Leandro.

Aí como não tinha nada pra fazer, **tava desempregado, já fui uma semana antes lá pra São Gabriel**, numa vanzinha que ia sai daqui, sabendo “ah, lá vai ter comida, né, se eles tão me mandando pra lá vai ter comida e vai ter o que fazer, então vou pra lá” (Leandro).

No Acampamento conheceu muitas pessoas do MST e pode conhecer um pouco da rotina do movimento e isso “*mexeu com os sentimentos*”, além disso, tinha esperança de continuar envolvido com aquelas pessoas:

Eu participava de todas as atividades, não sabia onde eu tava enfiado, não tinha noção, não sabia o que que era que tava acontecendo ali, **não tinha a mínima noção, mas tava com muita disposição de que aquela gente arrumasse o que eu fazer quando eu voltasse pra Porto Alegre**, né... “de repente eu continuo ajudando eles e pá, tem um rango aí...” sempre tem comida né, a comida era bastante, né e tem o que fazer né. Mas lá eu já me envolvendo como quem soubesse o que tava fazendo, assim, quem olhava dizia que eu sabia o que tava fazendo (Leandro).

Nesse acampamento, como já anteriormente referido, foi definido que se constituiria um movimento de juventude, o LPJ. Os jovens se organizavam por regiões e cada região com seu representante. Leandro foi escolhido como representante da região metropolitana, e depois escolhido para ser o “secretário” do LPJ. Com isso, vislumbrou uma chance de fazer o que gostava e ainda recebia uma ajuda de custo de R\$ 20,00 por semana. Para participar das atividades no centro ele vinha a pé, pois não tinha dinheiro para o transporte.

Zé, o outro integrante das oficinas de seicho-no-ei que também é militante do LPJ possui vários pontos em comum com a trajetória de Leandro. Na infância morava com o pai numa região de classe média de Porto Alegre, e aos finais de semana, se deslocava para a casa de sua mãe numa região pobre na zona sul da cidade. Depois do falecimento de seu pai, passou a morar com sua mãe, num apartamento perto da vila Cruzeiro.

Só que aqueles condomínios fechados perto de periferia é aquilo né morando dentro de um condomínio tu tem uma certa segurança, um certo privilégio ali mas, a cultura já é totalmente diferente né, tu sai pra rua é a gurizada que mora ali perto, tu te dá com um monte de gente da vila, começa esse contato né, e estudando também ali em colégio da volta né, o cara acaba conhecendo mais a gurizada ali aí eu já fui me soltando mais praquela espaço assim. Aí a partir dos meus 10 anos **tem essa mudança meio radical assim e foi o que me ajudou a ter essa leitura assim de exploração** e de como que as coisas se dão mais fácil pra uns e mais difícil pros outros (Zé).

Ao terminar o ensino fundamental, passou a estudar no Julinho. Cursava o ensino médio à tarde e pela manhã fazia um curso profissionalizante de elétrica predial. Como coloca Zé: *“então ali com os meus 16 anos, já era um cara que minimamente corria atrás do seu, ganhava uma bolsa-auxílio de 100 pila, mas era aquilo, já pagava minhas passagens”*. Cursou os dois primeiros anos do ensino médio e depois começou a fazer estágio. Porém, teve que começar a trabalhar com a família à noite, numa lancheria, e por isso parou de estudar.

Por ter abandonado a escola, não conseguiu renovar o contrato de estágio. Durante o período que estudou no Julinho, foi colega de Leandro e freqüentou as oficinas de seicho-no-

ei. Também foi convidado a participar do Acampamento da Juventude, porém também não sabia muito o caráter da atividade,

aí fui pra esse acampamento, **mas nesse acampamento eu só queria açude e acordar 10h30 / 11h da manhã...** Mas conhecendo tudo assim, percebendo, mas nem sabia o que era movimento social, tinha uma discussão sobre o MST, que era mais midiático assim, mas não tinha nada formado assim... e sempre conversando com os guris assim né... o cara vendo que eram outros pobres que tavam lutando né... aí eu fui no acampamento e lá eu conheci gente do próprio movimento, e também tinha essa articulação pra gente criar um grupo de juventude, né (Zé).

Em abril de 2006, ele perdeu o estágio e teve que parar o curso técnico que estava fazendo, pois não podia custear as passagens. Acabou retornando aos estudos no Julinho, e a partir do contato com o Leandro, era sempre convidado a participar das atividades do LPJ. Ele participava esporadicamente, nos encontros estaduais, em algumas reuniões em Porto Alegre, porém não *“levava a sério”*. Ocorreu que depois de alguns meses foi convidado por Leandro a trabalhar com o Jornal Brasil de Fato, vendendo assinaturas, e como estava desempregado isso acabou se tornando mais uma oportunidade de aproximação com o grupo.

Meio que não conseguia perceber o grau de responsabilidade que isso era, não assumia aquilo pra mim enquanto uma coisa séria né, aí foi indo assim, me cativando dentro dos encontros esporádicos até quando em agosto, julho, eu comecei a pegar tipo assim, “ah vamo trabalhar mais sério com o jornal, é uma atividade que tu pode garanti, a gente precisa de gente tu ta livre, tem tempo livre pra fazer isso e é uma coisa dentro da comunicação que tu de repente te daria bem” **aí eu fui tentando, realmente, tava sem trabalhar, era uma saída, meio pra conseguir uma grana, era vender assinatura. Então, eu já participava de alguns encontros do Levante, mas daí isso começou a se configurar uma tarefa diária pra mim cumprir né**, a partir desse trampo com o jornal assim. Daí muito mais dessa questão dum aposta que fazem pra um jovem assim que ta meio sem ter o que fazer, “ah então vamos apostar nele, de repente ele trabalha com o jornal, acaba desenvolvendo outras coisas e acaba sendo um agente com a gente”. Aí foi isso, esse semestre inteiro, segundo semestre inteiro de 2006, nessa atividade do jornal, mas assim matando dia, chegando atrasado, então aquela coisa bem sem responsabilidade nenhuma assim né (Zé).

Como ainda não tinham concluído o ensino médio, Zé e Leandro, conseguiram matricularem-se na EJA, numa escola no centro da cidade. Isso fez com que Zé organizasse sua rotina para estudar pela manhã e trabalhar à tarde no Jornal,

Sempre com o acompanhamento do Francisco ali, do Leandro... E isso foi tomando uma proporção até além do jornal, eu comecei a perceber que o

trabalho com o jornal era um motivo, uma motivação pra mim ta participando cotidianamente de alguma coisa, **mas que na verdade eu poderia começar a assumir outras tarefas enquanto eu me desenvolvesse pra isso, né (Zé).**

A partir disso, se envolveu em vários cursos e atividades promovidas pelo LPJ e MST. Principalmente cursos de Agitação e Propaganda e de teatro, a participação nesses cursos o estimulou mais a contribuir na organização do LPJ, e como vimos no capítulo anterior, esses elementos tem um papel fundamental para o grupo.

Aí eu fui pra um curso de agitação e propaganda na [escola] Florestan Fernandes, a gente já fazia algumas coisa em relação a agitação e propaganda, mas lá foi onde deu pra dar uma boa esquematizada assim em técnicas, conhecer um monte de coisas né, aí quando eu voltei pra cá, meio que **eu fiquei mais emocionado pra isso, 2007** eu comecei a fazer teatro, teatro político dentro de uma oficina da Terreira da Tribo, que foi também uma... foi um espaço de militância que eu achei, porque eu queria fazer teatro, mas não achava um teatro legal de fazer, aí quando eu vi que existia um teatro político, um teatro militante eu acabei participando, e foi a Margarida que me indicou pra ir pras oficinas ainda né, Margarida do MST, então pra ver como que foi... **tu entra nesse tipo de ambiente social, assim, e as coisas vão radiando pra várias oportunidades assim,** eu não faria teatro se eu não tivesse no Levante... (Zé)

A terceira militante que conheceu o LPJ a partir das oficinas da seicho-no-ei no Julinho foi a Rosa. Ela estudou durante todo o ensino fundamental, numa escola pública no bairro que morava na zona sul de Porto Alegre. Na 8ª série, ao se envolver numa atividade proposta em aula que fazia com que dois grupos se dividissem entre capitalistas e socialistas, se aproximou das ideias de esquerda. No ensino médio, mesmo contrariando a vontade da família, se matriculou no Julinho, pois “*queria estudar numa escola grande*”. Logo ingressou no Grêmio Estudantil e a primeira manifestação que participou foi contra o aumento da passagem. Porém, ela não se sentia identificada nem com o movimento estudantil nem com o PT, pelas disputas das correntes. Ao ingressar na oficina da seicho-no-ei, conheceu Luís, Arthur, Leandro e Zé e, segundo ela, foi nesse espaço que começou a perceber que a militância poderia ser um espaço de “*rebeldia, mas também de amor*”. Em 2006 participou da manifestação por uma “Universidade Pública e Popular”, na qual se identificou com a forma do grupo:

Eu vim e achei muito legal, assim, acho que **foi a primeira vez que eu me senti muito em casa num ato, vi que era o que eu queria, não me senti**

constrangida, pressionada ou chateada com muita bandeira, e aí foi quando eu conheci o Levante (Rosa).

Nesse período estava estudando para o vestibular, que prestou para Ciências Sociais, e não participou intensamente das atividades. No início do ano de 2007 participou do segundo Acampamento da Juventude, este realizado no centro de Porto Alegre, num prédio ocupado pelo Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN). Disse que estava ali porque conhecia e confiava nas pessoas e que as místicas foram fundamentais para sua inserção no grupo.

Aí eu comecei a ver um outro tipo de fazer movimento, assim, **as discussões não eram tão disputas, vi que tinha mística, que as pessoas eram mais fraternas**, que as coisas fluíam de uma forma diferente, e aí eu acho que foi a primeira organização que conseguiu aguçar os meus sentimentos, principalmente pela mística, acho que foi uma das coisas que mais me encantou (Rosa).

Desde então, Rosa participa ativamente do LPJ, inclusive é a única mulher a estar na secretaria operativa. Por isso, um dos temas tratados frequentemente é sobre a participação das mulheres no grupo. Outras duas mulheres que se agregaram ao LPJ, mais ou menos nesse mesmo período, foram Amanda e Sandra. Elas são moradoras da Vila Cruzeiro e conheceram o LPJ no final de 2006, quando o grupo inicial começou uma série de contatos para a preparação de seu segundo Acampamento da Juventude. As duas participavam de uma ONG no bairro, e Leandro ficou sabendo da participação ativa de Amanda na ONG, através de sua mãe. Ele, Arthur e Luís foram até a ONG para iniciar uma aproximação entre os grupos, visto que a ONG também trabalhava com juventude. O relato de Amanda aponta para as várias tensões existentes entre esses dois tipos de participação política, a ONG e o Movimento Social.

O ingresso na ONG se deu pelo convite de uma de suas coordenadoras. Trabalhou como pesquisadora num projeto sobre DST/Aids. Permaneceu um ano no projeto, mas nunca foi remunerada. Nesse período, fez vários outros cursos, foi convidada para ser Promotora Legal Popular, participava ativamente da ONG, como relata:

Daqui a pouco eu já tava dentro da instituição, eu já era o cartão de visitas, as pessoas não iam mais lá na instituição, os parceiros que poderiam pagar, **iam lá pra ver a obra prima que tiraram do meio da vila, que se destaca e que faz coisas, sabe...** mas na hora de receber uma grana pra trabalhar nos projetos, era assim, assistente social, psicóloga, pedagoga e todos os títulos, advogada, ganhavam muito mais do que quem tá lá dentro diariamente

fazendo as coisas, e aí eu perguntava, “ta mas como é que funciona isso?”, “ah, mas ela estudou” (Amanda).

Quando conheceu os jovens do LPJ, ela avalia que na ONG estava “*virando uma burocrata*”, assumindo funções administrativas e como era responsável por um projeto de “*empoderamento*” das mulheres, estava num processo de refletir sobre que tipo de empoderamento era esse. Eles foram fazer o convite para a participação das jovens da ONG no Acampamento que se realizaria dali uns meses. Para Amanda a proposta soou muito bem, relembra os grupos de jovens que participou na adolescência na igreja católica,

Pra mim eu via muito assim, ó: “cara é tudo de bom”, é um grupo de jovens, que não tem dono, que as pessoas vão porque querem fazer parte, sabe, mas não é uma instituição mandando, criando horários, **então pra mim aquilo era legal, lembrava muito o tempo igreja assim, da gente sair, se organizar** (Amanda).

Ela levou a proposta pra coordenação da ONG, que não concordou com a participação da instituição. No entanto, ela decidiu participar individualmente e ainda convidou as jovens que participavam dos cursos na ONG. Uma delas e que até hoje continua participando é Sandra. Ingressou na ONG, buscando qualificação profissional, visto que estava desempregada. Também teve uma trajetória escolar parecida com Leandro e Zé, pois teve que mudar de escola para concluir o ensino médio. Ao conhecer o LPJ, ela conta que se sentiu muito identificada com o grupo,

Ai eu fui numa reunião e outra, e fui gostando da causa, gostando não... eu me senti, **me apropriei daquela causa, porque a causa não era do Levante, era minha também, né**, por tudo assim, pela luta, pela lógica do porquê tu ta lutando, o porquê de tu ta questionando as coisas e não aceitar as coisas como elas são, né, e eu me identifico muito com o Levante, assim... (Sandra).

Esta identificação pode ser explicada pelas dificuldades enfrentadas pela maioria dos jovens que moram na periferia da cidade, a falta de escolas de ensino médio em seus bairros e a dificuldade de conseguir um emprego. Ela relata que nunca trabalhou com carteira assinada, e ao ter oportunidade de trabalhar no telecentro da ONG, precisou se matricular num curso técnico para assinar o contrato de estágio, ou seja, precisou fazer o caminho contrário. Quando perguntada sobre porque militar nesse grupo Sandra, responde:

O que me mantém dentro do Levante é eu saber que tudo que eu... como é que eu vou te explicar... que por exemplo, eu não sou pobre porque ou eu não trabalho, ou eu não tenho força de vontade, eu sou pobre sim, mas não porque eu não tenho vontade de trabalhar e estudar, não tem a moradia porque não trabalha.. não é isso, sabe. **Eu aprendi muito sobre isso, sobre o porquê das coisas, que isso é uma sociedade que te impõe, né, enquanto existir pobre, vai ter o rico lá em cima** e o momento que nos tiver a maioria dos pobres, quem que eles vão explorar? Né, pra eles continuar lá em cima, não tem! E tu sabe que as pessoas que trabalham com carteira assinada e ainda fazem hora-extra, são super exploradas... São coisas assim, sabe, que me fazem continuar no Levante e continuar lutando assim... (Sandra)

Uma outra integrante do LPJ, a entrevistada Vanessa, estudou em escola particular e ao se envolver com o grêmio estudantil, conheceu algumas pessoas da Pastoral. Esse contato a estimulou a começar a participar da Pastoral, que era uma das parceiras do LPJ. Ao falar sobre sua trajetória e ingresso no movimento social, deixa transparecer que após concluir o ensino médio e sem estar inserida no mercado de trabalho, vê uma possibilidade de encontrar um “espaço mais seu”, de se inserir de forma mais autônoma.

Mas no começo de 2007, ainda tava na Pastoral, resolvi ir pra Gravataí, fazer um trabalho de base mais inserido em alguma comunidade. Aí fui pra Gravataí morar no acampamento do MTD. Eu ainda não participava ainda do movimento, fui conhecer, porque eu queria uma outra coisa, um outro tipo de atuação. Lá **tinha espaço pra morar e eu tinha essa necessidade de arrumar um espaço mais meu, mas também de fazer outro tipo de trabalho**, daí eu fui morar em Gravataí (Vanessa).

Apesar de não atuar mais diretamente no LPJ, participou ativamente no período de 2006 até meados de 2007. Ainda atuava pela Pastoral e resolveu começar a militar pelo MTD. Logo depois disso saiu da Pastoral, pois estava sentindo dificuldades de continuar atuando por esse grupo, pois sua avaliação era de que a Pastoral era mais um espaço de convivência e não discutia um “projeto”. Para ela, foi a partir do ingresso no LPJ que se inseriu no MTD, e esse caminho teve desdobramentos na sua militância. Ela refere como muito importante a forma de organização do LPJ, pois segundo Vanessa foi essa formação do LPJ que contribuiu para que ela conseguisse pensar questões referentes a “projeto” e não somente “*discutir uma necessidade imediata*” no MTD.

O que eu acho que ajudou é que o Levante não tem uma pauta específica, ele vai construindo; hoje é educação, mas amanhã pode ser outra, ele circula por várias pautas. E isso faz com que ele não seja simplesmente reivindicatório. Ele já sai disso. Ele consegue pensar além da necessidade econômica. **Ele consegue pensar projeto e isso é muito importante pra**

quem tá se formando como militante. Todo mundo sai ou da universidade ou sai de condições difíceis, de periferia, e em vez de diretamente reivindicar uma necessidade econômica, fazem o debate político e eu acho que isso é muito interessante, porque é um avanço em relação aos movimentos. Tu **tá formando gente pra discutir projeto e não pra discutir uma necessidade imediata.** Foi o Levante que me trouxe pra dentro do movimento e isso me ajudou a ter uma visão além do movimento, além de reforma, o movimento tem o propósito dele de base é de reforma, necessidade econômica. Mas como eu vim de um espaço que pensava além disso, que é o levante, eu consigo ter uma visão além da própria reforma, e eu vejo isso em outros companheiro também que vem do Levante (Vanessa).

Com isso, percebemos que a condição juvenil é marcada por algumas tensões entre a expansão das oportunidades e o controle difuso, o jovem visto como alguém que precisa ser tutelado e re-encaminhado. Ao mesmo tempo, o encaminhamento aos papéis adultos não é só liberdade, mas marginalidade, imposta e vivida, desocupação, impossibilidade de uma real autonomia econômica (MELUCCI, 2001). Neste contexto, a possibilidade de se tornar ator de conflitos vincula-se a uma necessidade de dar sentido ao presente.

A necessidade de inserção em algum grupo é outra questão fundamental, pois a construção de símbolos e possibilidades de diferenciação é importante nesta etapa da vida dos jovens. A entrevistada Renata ressalta este aspecto como fundamental para seu ingresso no LPJ.

Quando eu cheguei lá no núcleo, tá, tava todo mundo quieto, era só uma veiarada, sabe, conversando um monte de bobagem, e o **único mais novo** era o coordenador, né, que era o Arthur, aí o Arthur começou a falar de Levante, **de fazer festa, de ir pros bagulhos fazer bagunça,** e as veiarada só concordavam: ahã, vamo, ahã, e chegavam lá e não faziam nada do que elas tinham falado, e uma ia tomá água, e já se aquietava pra um lado, a outra dava um piripaqui...

A gente ia em lutas, assim, sabe, em lutas do movimento e tal. E num desses movimentos eu conheci o pessoal de Saporanga, conheci o pessoal de Alvorada, o pessoal de Gravataí, tudo do MTD, e iam participar do Levante, aí eu comecei a fazer folia com elas, sabe? Conversar com elas, e daí elas perguntaram se eu participei de algum movimento, se eu fui em algum acampamento, aí eu falei que ainda não, aí elas “ai vamo fala com o Arthur pra ti ir... não sei o que” aí eu “ta vamo”. Aí o Arthur “ó no próximo a Renata vai”. Aí o próximo foi em Gravataí, que é onde eu fui e conheci mais gente assim (Renata).

Esta jovem ingressou no LPJ no final de 2007, a partir do MTD. Ela voltou a morar com sua mãe na Ilha das Flores, em Porto Alegre, e como sua mãe já participava do núcleo do MTD na ilha, ela resolveu acompanhar as reuniões. Nessa reunião conheceu Arthur, o “mais

novo” do grupo, como ela menciona. Essa identificação e o convite para fazer festa, ir pros lugares (encontros e acampamentos) e ao conhecer outras jovens do MTD, que já participavam do LPJ, fez com que Renata se envolvesse com o LPJ, mas também uma perspectiva de adentrar outros espaços.

O que me levou a participar do Levante... O que me fez entrar pro Levante foi mais o interesse de descobrir o que que eles tão... O que que eles querem do jovem? Sabe? Porque o jovem... Eles encaram o jovem como uma pessoa que ta aprendendo, que é capaz de querer... Que é capaz de querer alguma coisa, que é capaz de ir atrás do que quer, entendeu? E eu fui atrás deles procurar saber o que que eles querem do jovem, pra oferecer o que eu tenho, porque não é muito, o que eu tenho é pouco, mas como eles dizem já é o suficiente pra eles, então eu ofereço o que eu tenho e eles me dão as propostas que eles querem, e as vezes as propostas deles pra mim é interessante, porque eu me interesso pelo que eles querem, porque pra mim importa muito, **sabe, hoje em dia sabe se a gente não ir procurar, ninguém vai trazer nada pra gente, né...** E eu vou procurar, eu sempre procuro saber... (Renata)

Ela não estava estudando na época da entrevista, o relato é de que as constantes brigas na escola a fizeram abandonar o estudo. Depois disso, ela morou em vários municípios da região metropolitana de Porto Alegre e acabou retornando para a Ilha das Flores. O bairro conta com poucos ambientes de convívio social, além da escola. E o núcleo do MTD acaba por se configurar um espaço de encontro. Além disso, assim como com Sandra, percebemos que a participação no LPJ é uma oportunidade de inserção.

Pra mim assim o que me interessa mais nesses encontros, no Levante, **é as amizades que eu vou conquistar, a esperança de ter um mundo melhor**, de um dia eu poder dizer assim ó, eu lutei pelo que hoje muitas tem e pelo que eu também tenho... Eu ajudei a lutar, eu ajudei a construir e ter orgulho de poder dizer eu participo do Levante, porque é uma coisa que pra mim me dá muito orgulho de participar do Levante, sabe, todo mundo quando eu falo assim eu participo do Levante, todo mundo pergunta o que que é o Levante? Ah o Levante é a juventude, o Levante é a organização, é o poder de tu poder ir lá na frente e gritar, poder dizer assim eu quero isso porque é meu direito, eu quero isso porque eu mereço isso e tu ta no lugar que deve ta, sabe? E eu gosto muito disso, de poder lutar pelo que eu quero, é o que todos tão lá tentando fazer. Mas antes de lutar tem que saber o que que eu quero exatamente, e é isso que eu to aprendendo agora na formação (Renata).

A outra entrevistada, Rita, começou a participar do LPJ no início de 2008. Ela participava de uma oficina de teatro na Terreira da Tribo, e na oficina encenaram uma intervenção chamada “As lágrimas da Aracruz”, sobre a ocupação das mulheres do MST na

empresa. Ao participar de um acampamento na fazenda Anoni, conheceu as pessoas do LPJ. Já conhecia o Zé, por causa da oficina de teatro e ali se aproximou de Alex e Rosa. Foi esta última que convidou Rita a integrar o grupo, pois as duas cursaram disciplinas na Faculdade de Educação (FACED) da UFRGS.

É, primeiro que eu ouvia falar né bastante, aí sabia que eles tavam nas cotas, aí eu participei de uma atividade que eu acampeei, era um acampamento lá na Anoni, com um grupo de jovens, da juventude da cidade e do campo, e o pessoal do Levante que é da cidade, aí ali eu conheci um pouco mais assim, e aí já em 2008, como eu fui na primeira reunião do ano, que tinha toda a agenda pro ano, eu **já me coloquei pra ajudar na coisa de cultura**, de agitação e propaganda né, e aí como já tinha uma seqüência de atividades eu ia sempre assim né... Fiquei mais atuante assim no Levante (Rita).

Rita ingressou no curso de teatro da UFRGS em 2007. Ao ingressar no curso, não participou mais das oficinas na Terreira da Tribo. No início de 2008, ela veio morar em Porto Alegre, pois até então residia na cidade de São Leopoldo. Ao participar dessa primeira reunião do ano, conseguiu integrar-se ao grupo a partir de atividades que lhe interessavam, centradas na área de cultura e agitação e propaganda. Além disso, a identificação com o perfil das pessoas que militavam no LPJ foi fundamental para sua inserção, pois se sentiu acolhida já que ainda não era militante de nenhum grupo anterior a esse.

Eu acho que... em questão de ideais eu já tinha isso comigo, assim, foi um espaço... como é que eu vou te dizer assim... que tinha as portas abertas, e por ter pessoas parecidas comigo, né, estudante, da cidade, que apóia os movimentos sociais e do campo mas que ta na cidade assim, **ter pessoas que tem uma realidade próxima da minha** e de ser um espaço meio que ta aberto, **preocupado com essas pessoas, que são militantes e não participam de movimentos sociais**, acho que isso que foi determinante, tipo o cuidado assim com quem não é engajado... (Rita).

Essa mudança de cidade pode ser colocada como um facilitador para seu engajamento no grupo, visto que em Porto Alegre, começou a reorganizar sua rede de amigos e as atividades que desenvolvia. Além disso, com essa mudança conheceu Maurício com quem começou a dividir o apartamento e que ingressou no LPJ a partir das conversas com Rita. Ele estudava na UFRGS desde 2004, mas só em meados de 2008 que ingressou no LPJ. Importante ressaltar alguns aspectos parecidos com outros jovens, como a relação com a Universidade e o movimento estudantil. Ele já cursava História na UNISINOS e como não tinha condições de pagar as mensalidades, prestou vestibular na UFRGS e conseguiu passar. Seu primeiro vestibular tinha sido na Federal, mas para o curso de Jornalismo, ao mesmo

tempo, fez vestibular na UNISINOS para Biologia, tendo que trocar de curso no final do primeiro semestre, pois esta universidade não ofereceria mais o curso noturno, e como ele trabalhava durante o dia para pagar a mensalidade, acabou se transferindo para a História. Mesmo tendo cursado três semestres na UNISINOS, ao ingressar na UFRGS, preferiu fazer todas as disciplinas novamente. E nesse momento começou a se envolver com o movimento estudantil, através do centro dos estudantes. Participou durante quatro anos, mas não estava contente.

Digamos que eu conheci ele, na verdade eu conheci ele em 2005, eu ouvi falar, foi até um ensaio de bateria que teve aqui na FACED, e o pessoal tava ali, e alguém “ah esse é o pessoal do Levante, pessoal ligado a Via”, era assim que era identificado, até hoje é assim, ligado aos movimentos sociais. Mas como o movimento estudantil tinha muito preconceito, hoje mudou um pouco, uma coisa assim, “ah. Olha só não sei o que, tipo..” então era uma coisa assim, ah ta, meio que passou batido assim, não me chamou muita atenção, **mas aí no processo de caminhada de movimento estudantil, de se desgostar um pouco, muito aliás**, vai, toma um rumo que não vai correspondendo assim, tu vê que não é efetivamente o que ta ajudando... (Maurício)

Quando Maurício começou a dividir o apartamento com Rita, ela já estava participando ativamente do LPJ. E foi a convivência com ela, saber o que o grupo estava fazendo, conversando sobre a organização que o aproximou.

E ela já participava desde janeiro, do Levante, aí ela falava, participo assim e assado, **ela meio que começou a conversar comigo, esclarecer algumas dúvidas, e aí em junho foi que eu participei efetivamente**, foi aquela manifestação de junho que teve ano passado ali no Nacional, e dali por diante foi que eu me envolvi bastante assim, comecei a participar, fui pro acampamento em julho, e daí não parei mais assim... (Maurício)

Essa manifestação citada por Maurício, ocorreu no estacionamento de um supermercado de Porto Alegre. Naquele dia mais de trinta pessoas foram feridas e algumas presas. Depois disso, ele participou de outro Acampamento da Juventude, ocorrido em Santa Maria, e foi naquele espaço que ele conheceu outras pessoas e a dinâmica do grupo.

Aí em julho teve o acampamento, [...] pro pessoal se cativar, aí tem animação, festa, formação, e aí foi legal, eu gostei da proposta achei interessante assim, eu acho que é isso aí, digamos que não foi lá no acampamento a formação em si que me cativou, se falou teve debate de gênero e tudo, que é um debate até que bem ou mal a Universidade faz, então não era uma coisa nova assim, **me cativou mais foi as relações pessoais, com as pessoas, a proposta de relação mesmo**, discussão

política que é sempre mal vista, por quem é de fora, essa relação com a igreja, a questão da mística que é uma, não queremos só mudar uma questão econômica, política, a **gente quer mudar enquanto ser humano, né, a mística ela é o fator que ajuda e que impulsiona também, ela dá um tom pras coisas totalmente diferente** (Maurício).

Essa forma de realizar os acampamentos com formação política, mas, além disso, com música, animação e mística é um contraponto a forma de organização dos partidos políticos. Para Maurício foi uma diferença significativa, visto a sua experiência anterior nas reuniões do PSOL e PSTU. Mais uma vez a “questão do cuidado com o outro” é ressaltada.

E na minha cabeça era aquilo assim, né, sentar, ai tinha lá o material que tu lia e era isso. E ai quando tu chega num encontro do Levante ele é, bah! Tem violão, tem não sei o que, todo aquele tipo de encontro que é, tem a mística, tem noite cultural, tem não sei o que, não sei o que mais, então isso nesses espaços que foi criando, de contato, **o contato é diferente também né, o cuidado com o outro assim, né. Isso é uma coisa diferente, de tratar o outro como ser humano, não como mais uma peça dentro do negócio.** Pra nós não é assim, pelo menos. É tu ter o cuidado mesmo, né, pô tu quer que aquela pessoa também se sinta bem, tu quer que aquela pessoa né compartilhe contigo o sentimento que tu também tem e tu quer compartilhar também com as angustias dela e é aí que a gente cresce né (Maurício).

Para finalizar as entrevistas, um dos mais recentes integrantes do LPJ é João. Ele veio para Porto Alegre em 2002 fazer pré-vestibular. Em 2003 ingressou no curso de história da UFRGS e ali começou a se envolver com o centro de estudantes. Ao concluir a faculdade, fez seleção para o mestrado no Rio de Janeiro e se mudou para lá em 2008. Como havia sido colega de Maurício, os dois mantiveram contato por e-mail e MSN. E a partir dessa conversas, ele ficou sabendo das atividades desenvolvidas pelo LPJ.

Essa manifestação ocorrida em junho, pela violência que sofreram os manifestantes foi algo bem marcante, “*eu vivi aquilo muito*”. Ao retornar para Porto Alegre, em 2009, começou a participar das atividades. O interessante é perceber que João ao voltar já se sentia identificado com o grupo, através de suas conversas com Maurício. Além disso, o momento que tinha passado no Rio de Janeiro, no qual ele classifica como “*de muita reflexão*”, pois tinha se formado e questionava seus objetivos dali para frente.

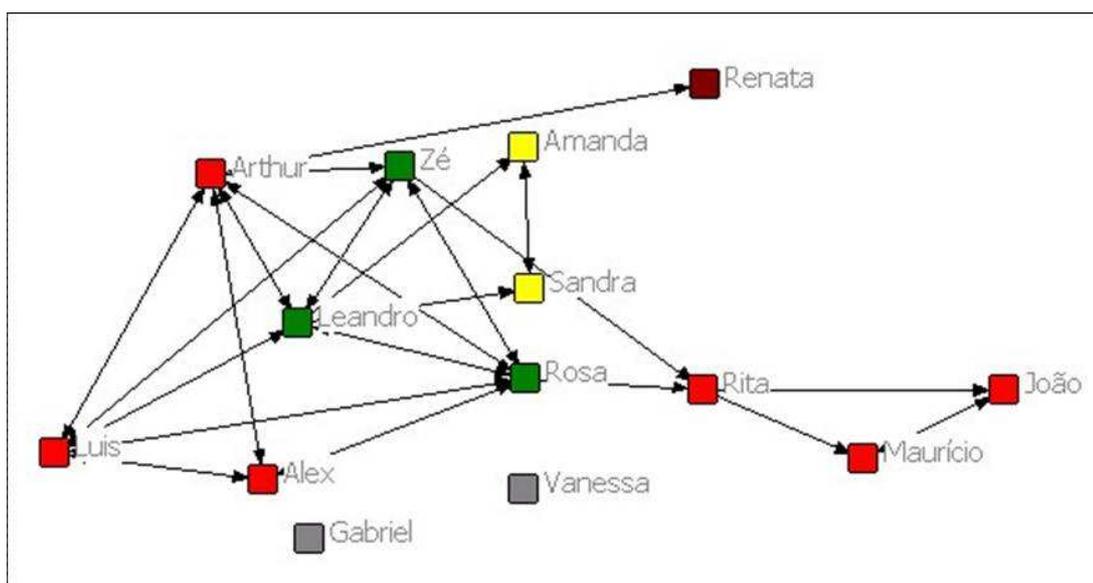
No Rio, estabeleceu “*relações profissionais*”, diferentemente das relações de amizade que possuía na UFRGS. Esse período é identificado como um período no qual ele se sentia isolado. Ao mesmo tempo, “*acreditava na possibilidade de mudança das coisas*” e não queria seguir os exemplos de seus colegas, que depois de passarem algum tempo muito

engajados em partidos políticos, acabavam por abandonar tudo e seguir projetos individuais, sem nem mesmo querer conversar sobre o período da militância.

Eu não me sinto satisfeito, por exemplo, em traçar um projeto pra minha vida assim independentemente de outra coisa, independentemente de outras pessoas, etc... Tem aquela ideia assim “ah, eu tenho um projeto de vida que ele independe do que acontecer”, por exemplo, esse meu tempo que eu passei no Rio assim, foi um tempo de muita reflexão pra mim [...] eu sentia que aquilo que eu tava fazendo no Rio era uma trajetória muito pessoal e muito independente de qualquer coisa, muito isolada... **Talvez por isso que eu tenha tido nesse momento uma abertura pro Levante...** Quando o Maurício vinha me falar o que que ele tava fazendo aqui em Porto Alegre e tal... (João)

Para ele, esse ingresso no LPJ possibilitou a perspectiva de um projeto coletivo, realizado em grupo, e que não colidia com o que ele pensava politicamente, ou seja, é a participação no LPJ que consegue dar sentido ao seu projeto de vida mais coletivo.

As quatorze entrevistas realizadas nos oportunizaram conhecer as redes interpessoais nas quais estes jovens transitavam no momento de ingresso no LPJ. Para visualizarmos os vínculos entre os atores, construímos uma rede (FIGURA 7) na qual organizamos em ordem cronológica o ingresso de cada um deles, da esquerda (ano 2005) para a direita (ano 2009). Também apontamos o local no qual o entrevistado estava estabelecido no momento de seu engajamento e quem foram os principais responsáveis pelo convite para ingressar no LPJ.



Fonte: elaboração da autora

4.1 A construção da estrutura de significados: juventude, trajetória escolar e as aprendizagens e dificuldades na busca de um projeto coletivo.

Quando perguntados sobre quais as dificuldades enfrentadas tanto no nível pessoal quanto de organização podemos agrupar as respostas em alguns eixos. O primeiro deles diz respeito à dificuldade de conciliar a vida pessoal (família, estudos, trabalho) com as atividades da militância. Isso gera culpa em alguns quando não conseguem participar das atividades do LPJ para se dedicar aos aspectos individuais de sua vida.

É eu acho que eu cada vez mais assim vou ter um projeto mais coletivo do que individual né, mas tem várias coisas em jogo assim né... Teus pais, então tu tem que te preocupar com faculdade, eu quero me formar rápido, pra sobreviver tenho que pegar bolsa é tal, mas meio que levo, por causa disso assim, meio que levo nas coxas assim na faculdade, e sempre to quase rodando por causa de faltas assim... eu gostaria de até ser mais coletiva, até onde dá pra ser o projeto mais coletivo eu vou assim, e eu acho que quanto mais tu vai te apropriando disso assim, da organização que tu tá ou mais convicção tu vai tendo dos ideais da bandeira que tu tem, com o tempo tu vai se planejando pra de repente ter um projeto de vida mais coletivo (Rita).

Ao mesmo tempo, reconhecem que essas vontades são legítimas e que precisam de alguma forma equilibra-las. Essa questão já foi inclusive debatida pelo grupo em termos de *“sacrifícios pessoais e construção coletiva”*. Como as relações pessoais são muito fortes no grupo isso também é encarado como um problema da organização, ou seja, *“os problemas pessoais das pessoas são sempre problemas da organização para nós”* (Luís). O relato de Gabriel é interessante para percebermos como ele elabora essas dificuldades, desde acordar cedo para participar de uma atividade até deixar de participar das atividades com seus amigos:

Ta tu perde algumas coisas, tu vai deixar de fazer várias coisas que tu só vai fazer contigo mesmo, individuais, tipo ir no cinema, tu vai deixar de fazer isso. Mas tu ta trocando por outras coisas, que não é uma obrigação. Apesar da gente assumir tarefa, é uma coisa séria, mas tu faz porque tu gosta. É uma coisa que tu acredita. **Às vezes eu fico meio brabo ter que levantar as 5h da manhã e vir pra Porto Alegre.** Fico, mas é por uma coisa que eu acredito, naquele momento eu to brabo, individualmente, ta queria ta em casa, dormindo, ta frio... Sabe, **mas depois quando tu chega no lugar, vê todo mundo, que é uma coisa, tipo, maior que tu e tal,** um sonho que todo mundo tem em conjunto aí é bom, eu acho que compensa...(Gabriel)

Podemos perceber que este “sonho em conjunto” é o que dá sentido para as ações e os sacrifícios. É o sentir-se participante do grupo que ameniza e recompensa as perdas individuais em troca da construção de algo maior, que é coletivo. Outra dificuldade relatada tem a ver diretamente com a característica do grupo, a heterogeneidade. Visto que abriria a possibilidade de que as pessoas fossem “rotuladas” e classificadas de acordo com suas origens sociais. O que para a entrevistada se dissipou à medida que ela foi conhecendo as pessoas e sabendo “*as histórias e objetivos de cada um*” (Amanda). Essa interação também faz com que outra dificuldade seja superada, pois a linguagem utilizada e o domínio de alguns integrantes das teorias que são objeto de estudo foi citado como algo que dificultou a participação, porém não a impediu, visto que na convivência as dúvidas iam sendo sanadas.

A dificuldade quando eu entrei, que eu tenho até hoje assim, eu não superei essa minha limitação, que é como as formações são muito em cima de livros, e textos e autor não sei o quem, fulano de tal, o Caio Prado e o beltrano. E aí eu chegava nas reuniões assim, daí tinha a pauta da reunião, que todo mundo falava e eu não falava nada, ficava só analisando, não tinha o que falar, tava chegando agora. **E aí claro, com o tempo fui conhecendo as pessoas, fui me enturmando, fui perguntando, que que era tal coisa, que que era isso, e tanto é que é uma dificuldade até pras pessoas que tão entrando agora que é algumas linguagens**, assim, aí militante, e deixa eu ver que mais... Tem várias linguagens assim que eu me perdia de não saber o que que é, claro, agora eu sei... Mas uma dificuldade que me acompanha até hoje é essa assim... Deles ter aquela mente formada, de por exemplo, tarem falando sobre alguma coisa e alguém fala uma frase assim “aí porque Caio Prado já falava tal coisa, fulano de tal explica isso, isso e isso” a minha dificuldade que me acompanha é essa... (Sandra)

Conforme mencionado, o grupo que participa do LPJ é bastante heterogêneo, são jovens entre 13 a 30 anos, com níveis de escolaridade que variam do semi-letramento até pós-graduação. Com isso, uma das preocupações apontadas é com o processo de formação dos militantes. O processo de formação envolve várias etapas, desde a discussão política, de organização social, objetivos do grupo e debates sobre próximas ações até a dimensão mais social, proporcionando espaços de convivência.

Os espaços de formação acabam sendo... formação formal assim né ‘ah, vamos estudar hoje... Ah, projeto popular para o Brasil. É... ele acaba sendo meio tenso assim, meio complicado de administrar... justamente por isso, tu tem vários níveis assim, várias capacidades de apreensão assim né que tão ali colocadas um pouco isso né, tipo aquela gurizada ali da Ilha [das Flores] que tava naquele nosso curso... eu não sei até que ponto eles dominam certas categorias que são correntes no nosso discurso né... tipo essa idéia de Estado, até que ponto quando a gente fala em Estado né... Eles conseguem identificar que é a instituição administrativa, governamental, burocrática e tal, política,

e não a divisão administrativa da Federação, né, não é o estado do Rio Grande do Sul, **essas categorias não sei até que ponto eles dominam** né, então aparentemente parece ser um processo digamos violento assim né (Alex).

Além dessas, uma das dificuldades é a questão financeira. O grupo precisa recorrer a outras organizações e às contribuições individuais para custear suas atividades e comprar material para a propaganda, porém eles também utilizam desse “problema” como motivação para pensar em alternativas de renda a partir de trabalhos coletivos e como um deles coloca: *“mas se a gente for pensar por isso então a gente nunca vai lutar por nada, quem tem dinheiro é a classe dominante, né, não é nós, não é nós que temo a grana na mão, então a gente pensa o que a gente quer fazer e dá um jeito de fazer depois”* (Maurício). Outra questão importante diz respeito ao aspecto mais conjuntural, pois eles reconhecem a dificuldade de organização das pessoas, devido a grande desagregação que estamos passando. Por isso, privilegiam trabalhos coletivos, tentando se aproximar de outros a partir de uma “prática”, reconhecendo que é um processo lento:

É um processo lento né, não se ganha no discurso né, se ganha na prática né, não vamo ganhar ninguém no discurso, isso aí é bobagem, **então nós temos que ta lá, ta junto, trabalhando junto, e sofrendo junto entendeu**, e é assim que a gente tem que fazer, ta ali descarregando com o pessoal da... Do Morro da Cruz, não tem problema, é isso aí, às vezes vale muito mais do que sentar e ficar uma hora blábláblá, não, nós tamo aqui, fazendo a prática junto (Maurício).

Assim, também se referem que trabalhar no coletivo e conseguir *“somar as vontades individuais”* é bastante difícil. Ao mesmo tempo esse trabalho em grupo é referido por todos como uma das aprendizagens mais significativas desde que ingressaram no LPJ, quando perguntados sobre esse tema. Essa aprendizagem é sentida em termos de aprender a confiar no outro, em ser solidário e respeitar o tempo de cada um. Como descreve Luís:

Tu nunca vai ver ali dentro alguém olhar meio estranho pra um companheiro novo que chega com idéias inocentes, mesmo atravessadas. Podes reparar no jeito da gurizada olhar. **Tu nota que é um jeito de olhar diferentes de outros grupos**, que parecem que estão sempre desconfiados, ou pensando alguma coisa lá na frente. Tudo meio duro, pouco atraente.

Também é colocado que a oportunidade de conhecer pessoas de diferentes realidades possibilita desenvolver um sentimento de humildade e respeito à história de cada um. Muitos reconhecem que antes do ingresso no grupo tinham uma relação teórica com a

periferia e com a pobreza e a partir do contato com pessoas que vivem nessa realidade, acabam por repensar suas prioridades e modos de vida. Para os que são de bairros periféricos, é uma oportunidade de se relacionar com o próprio local onde moram de forma diferente, passando a valorizar sua origem a partir das formações políticas que participam. Para os que já participavam de movimentos sociais, o LPJ se configura num espaço de experimentar outros tipos de fomentar o debate político.

Conteúdo e forma não se separam. Forma sem conteúdo é vazia, é como a Vivo falar em Revolução na TV. **Mas conteúdo sem uma forma atraente também só junta gente chata.** Por isso junta sempre poucos. E não é fácil avançar nesta estética, mas também não é difícil quando deixamos ela aparecer e se tornar dominante, mesmo que às vezes tenha que, num primeiro momento, parecer que o conteúdo está poluído ou diluído. Mas temos que fazer a opção, se preferimos manter um purismo na forma, como se ela determinasse o conteúdo, ou se somos radicais em preservar os princípios, aprofundar os conteúdos, e vamos trabalhando com as formas na forma que a conjuntura permite (Luís).

Essa experimentação também é enfatizada nas místicas. Sem dúvida, esse momento vivenciado pelo grupo é dos mais importantes para manutenção dos vínculos entre eles. Todos se referem ao espaço da mística como uma aprendizagem emocional, algo que “*alimenta a luta*”. É neste espaço que se tem a possibilidade de vivenciar relações horizontais de fato, pois se lida com o sentimento das pessoas, e ali não se acentua as diferenças educacionais.

...é uma parcela dos nossos espaços de formação... porque nós trabalhamos com outras dimensões e que eles dominam plenamente, assim como os universitários que também diz respeito a um processo de aprendizagem, só que óbvio é uma aprendizagem que não se utiliza dessa linguagem formal que a gente tá acostumado então a gente costuma trabalhar nos nossos espaços tanto a questão do lúdico, da brincadeira, do jogo, da diversão quanto essa dimensão da mística que é do sentimento, da paixão, do compartilhar, do expor seus sentimentos, **e esses espaços que a gente cria nos nossos encontros de formação são extremamente integradores porque eles são muito horizontais**, assim, sabe, eles não pressupõe pré-requisitos pra ti poder participar. (Alex)

Os vínculos entre os atores são constituídos nesses espaços de formação, nos encontros estaduais, nas mobilizações e no trabalho cotidiano de reuniões e oficinas. Com isso, os laços de amizade se estabelecem e se fortalecem contribuindo para as atividades e na busca de novos militantes. Todos os entrevistados chegaram ao LPJ através de um convite de amigos. A “mística”, é o espaço no qual as organizações constroem seus símbolos e

incentivam a continuidade da luta a partir de sentimentos vivenciados no grupo, é referido por todos como um momento muito importante na formação.

O movimento social nada mais é, nada mais é não, mas ele se propõe a ser ahh, **a criar, digamos, dentro dessa sociedade, na medida do possível, as relações sociais necessárias pra criar a nova sociedade**, então digamos que os movimentos sociais, as estruturas, os espaços de poder popular que os movimentos constroem eles devem ser espaços que se contrapõem a esse modelo através da construção de outras relações sociais possíveis em outra sociedade, que não essa, nós não tamo ali pra reproduzir, **nós tamo ali pra criar o novo, e essa dimensão do lúdico é fundamental pra estimular a inventividade**, a criatividade, a relação, a integração, a não competitividade, a cooperação, então é uma dimensão que a gente trabalha, tanto nos nossos encontros, tanto nas oficinas que a gente faz nas escolas, que é super importante, pra isso, pra criar novas relações, isso é um aspecto, e nisso se aprende também né, tu aprende valores, tu aprende a como se comportar, tu aprende a perceber o mundo de outras formas. (Alex)

O pessoal do Levante é a minha segunda família. (Sandra)

Assim, percebemos que os processos de constituição e identificação com o movimento LPJ se consolidam através dessas práticas solidárias e de construção coletiva de aprendizado, pois os jovens conseguem se perceber no mundo e se sentem valorizados, também tem a oportunidade de acessar outras províncias de significados, compartilhar outras experiências de relações sociais. Conforme mencionado no capítulo 2, Sposito (2000) coloca a questão do choque entre cultura escolar e ação de resistência efetuada por estes atores. Podemos perceber em todas as entrevistas que o lugar da escola proporciona tanto experiências positivas quanto negativas que levam ao engajamento. Por isso, pensamos ser importante resumir os percursos escolares dos entrevistados e quando necessário referir como eles avaliam sua inserção no meio escolar.

Dos quatorze entrevistados, seis estudaram em escolas particulares, pelo menos no Ensino Médio (EM) (Luís, Maurício, Alex, Arthur, Vanessa e Rita). Desses, quatro se referem à escola como espaço no qual eles conheceram outros jovens que contribuíram no processo de mobilização, mas a escola também foi citada como um espaço no qual eles se sentiam deslocados. Além disso, todos eles ingressaram no Ensino Superior (ES). João estudou numa escola de ensino médio federal e também ingressou no ES, logo após o término do EM. Esse último e Maurício tiveram contato com o movimento estudantil somente no ES. Rosa, que estudou em escola pública também ingressou na UFRGS, porém foi a única que conseguiu no primeiro vestibular.

Outra questão a ser ressaltada é que ao serem perguntados sobre sua relação com a Universidade ressaltam que essa distância entre o que estudam e suas percepções sobre a realidade geram angústias, mas ao mesmo tempo, eles utilizam essa formação como uma ferramenta para o Movimento Social.

A universidade, os professores, não estão abertos a discutir, e isso cria um certo confronto com quem veio dos movimentos. **Então eu acho difícil estar na faculdade por causa disso. Muito diferente do que é o espaço popular, os movimentos.** A gente consegue fazer uma reflexão dentro do que é nossa própria realidade, e a universidade fica muito longe disso. Não tem espaço dentro da sala, porque tem a autoridade do professor e tu não consegue sair daquilo que o professor entende. E as vezes é melhor nem falar do que ficar se desgastando numa sala de aula. (Vanessa)

Foi a partir da luta das cotas foi que a gente se obrigou, se desafiou a estudar certos conteúdos que não tavam nem perifericamente colocados aqui na universidade, o caso da estrutura racial brasileira é o exemplo mais cabal... e aí foi bem interessante que a gente fez um processo de aprendizagem coletivo, né ... nós nos reuníamos, as nossas reuniões eram boa parte pra organizar as mobilizações e tal, mas boa parte pra estudar, debater a partir da construção da nossa proposta de resolução das cotas, nós tínhamos que fundamentar as nossas reivindicações com argumentos teóricos, e isso implicou que a gente estudasse e estudasse muito. (Alex)

Já dos que estudaram em escolas públicas, Leandro, Zé e Gabriel ingressaram na UFRGS pelas cotas nos anos de 2008 e 2009. Eles participaram do processo de implementação das cotas nos anos de 2006 e 2007. E colocam que a participação no LPJ foi fundamental para o ingresso no ES.

Porque pra quem estuda em ensino médio público, **faculdade é uma coisa bem distante pra gurizada né. Então já foi uma coisa que meio que... eu já tava com uma consciência transformada pra entrar num espaço desse** assim e o que possibilitou a minha entrada na universidade foi justamente uma luta, que é a luta pelas cotas, que eu entrei pelas cotas de escola pública né, porque se eu fosse estudar normalmente pra isso eu teria que ter... Não poderia trabalhar, não teria tempo pra me dedicar somente a disputar um vestibular com a classe burguesa que tá entrando na UFRGS, então isso seria uma coisa meio fora de cogitação, entrar na faculdade, aí entrar na faculdade é fruto de uma luta que é pelas cotas. (Zé)

Amanda se afastou da escola diversas vezes e agora está concluindo o EM no ITERRA. Sandra, ainda não concluiu o curso técnico que realiza, pois faz poucas disciplinas por semestre, já que o curso é privado. Renata está cursando o ensino fundamental na escola Paulo Freire. Todas elas projetam ingressar no ES.

A gente ganha uma formação nova, assim, pessoas novas que a gente vai conhecendo, e pra nós, que nós não temos recurso nenhum, acho que deu pra perceber assim que não temo recurso nenhum nesse lugar, se tu não correr atrás do que tu quer aí fora, tu não vai ter nada, porque aqui ninguém vem te procurar, **se tu não ir atrás do que tu realmente quer aí fora**, pra mim é isso, to correndo ainda atrás do que eu quero... (Renata)

A partir disso, podemos perceber o quanto o processo de conhecimento é valorizado pelos atores, no entanto, existe uma crítica à forma como esse conhecimento é praticado nas instituições formais e o seu distanciamento com as necessidades que eles vivenciam. O que é aprendido no grupo faz mais sentido, pois dialoga com o cotidiano do jovem. No entanto, como já debatido anteriormente a juventude é uma categoria social que é homogênea se comparada como fase de vida e heterogênea se analisada na sua diversidade (PAIS, 2003), por isso a percepção sobre essa categoria foi um dos pontos de análise para compreendermos como o LPJ trabalha com o tema.

Ao entrevistar Amanda, ela nos adverte: *“mas acontece que eu não sou jovem, eu já tenho 32”*, ao que perguntamos: Mas tu participa do LPJ? E ela prontamente nos responde: *“Ativamente”*. Esse episódio nos possibilita retomar o debate sobre o conceito de juventude, como conceito teórico e categoria do senso comum. Em oito das entrevistas ao tocarmos no assunto juventude, muitas reticências, silêncios, dificuldade em responder. Os “mais velhos” sempre nos colocavam que não eram jovens, pois já tinham passado da idade, ao mesmo tempo em que, justificavam sua atuação no grupo devido a um “pensar jovem” e a sua inconformidade com a situação vivida. A imagem da juventude como categoria potencialmente transformadora é uma das justificativas para organizar esse grupo da sociedade.

a juventude ela tem um... ela tem um... digamos assim ... ela é um segmento da população que... digamos assim, tem... teria, **a priori, uma predisposição maior pra contestar o modelo, pra contestar o status quo**. Porque... bom primeiro que ela ta num processo de inserção nessa sociedade então ela ta se dando conta, ela ta sendo impactada pelos absurdos que é essa sociedade que a gente vive hoje, então ela ta se chocando com isso, ela tende menos a naturalizar essas relações, ela tende menos a se conformar, né, ela não passou uma trajetória toda vendo as desigualdades, as opressões e tal, pra concluir que isso é algo natural, é algo dado (Alex).

Se no início da fala a juventude parece algo exterior a eles, no decorrer colocam que a partir do ingresso do LPJ começam a se pensar enquanto juventude, as suas especificidades

tanto em termos de políticas públicas quanto de estrutura de organização. Para Rita, essas foram questões surgidas depois do ingresso na organização: *“Quem é a juventude, como ela tá... porque a juventude, ela também, assim como tu... tu ser jovem também é uma identidade social, né. O que um jovem fala é completamente diferente do que uma pessoa experiente fala”*.

A construção dessa identidade é a base do LPJ, principalmente a ênfase nas características da alegria, da espontaneidade e de encarar a juventude além do movimento estudantil. O LPJ se preocupa em agregar os diversos grupos que o orbitam em torno de uma luta. No momento o tema da educação é o que agrega essa juventude, desde a juventude que está descontente com o ensino que tem até aquela que está tentando se inserir novamente no ambiente escolar.

Porém, existem muitas formas de participação, desde os mais “orgânicos” que propõem as atividades, experimentam novas formas de formação política até aqueles que participam mais esporadicamente dos encontros estaduais, desfrutando do ambiente de animação e relações pessoais. Com isto, percebemos que esses diversos tipos de engajamento acabam por se acomodar nesse guarda-chuva que é a categoria “juventude”, proporcionando um ambiente estável em termos de percepção de diferenciações internas no grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu do questionamento de como e porque os jovens se engajam em movimentos sociais. Ao privilegiarmos o enfoque aos aspectos simbólicos da militância, centramos nossa análise nos mecanismos de interação entre esferas de vida e constituição de identidade em redes associativas. Dessa forma, propusemos um esquema teórico que nos possibilitasse compreender as diversas pressões que compõem o campo de atuação dos jovens em movimento sociais. Com isso, consideramos os elementos da condição juvenil, as redes sociais nas quais estão inseridos e a formação de um projeto de vida. Também analisamos como o cruzamento entre os quadros interpretativos e repertórios de protesto da organização são importantes na formação de uma ponte articuladora que impulsiona a ação coletiva.

Ao considerarmos que a identidade atua como um “focalizador de projetos” (MISCHE, 1997), procuramos evidenciar as diversas situações nas quais os jovens procuram reconhecimento nas redes onde atuam, e sobretudo, em como esse mecanismo pode ser usado para dar direção e forma a ações futuras. Dessa maneira, vimos que as redes interpessoais são fontes importantes de recrutamento para as organizações. Isso pode ser verificado ao observarmos que a mudança de escola ou o ingresso na Universidade proporcionou oportunidades de engajamento para alguns jovens.

Além disso, o fato de que quando um amigo muito próximo se engajou no LPJ, esse contato possibilitou uma abertura para novas adesões. Conforme Mische (1997), a eficácia da *pessoa-ponte* se dá porque ela evoca uma multiplicidade de laços em diferentes contextos e se reconhece na identidade múltipla diferentes dimensões. Identificamos nos relatos, diversos momentos nos quais estes jovens atuaram como pessoas-ponte, possibilitando um recrutamento eficaz. Podemos citar como exemplo Luís (estudante universitário, militante do MTD, praticante da seicho-no-ei), Leandro (morador da periferia, militante do LPJ, estudante) e Rita (estudante universitária, atriz, militante LPJ).

Também pudemos notar que as percepções dos jovens sobre o porquê de militar diferiram, variando desde algo mais teórico (“*O importante para mim é que eu estava fazendo uma coisa que achava importante pra classe trabalhadora*” (Luís); “*era formado por estudantes inconformados com a Academia e com os movimentos estudantis tradicionais, queríamos uma alternativa para isso*” (Alex)), para uma aproximação a partir de valores e sentimentos (“*não queremos só mudar uma questão econômica, política, a gente quer mudar enquanto ser humano*” (Maurício); “*que as pessoas eram mais fraternas, que as coisas*

fluíam de uma forma diferente” (Rosa)). Passando pela oportunidade de adentrar outros espaços, obter novas possibilidades na vida (“mas tava com muita disposição de que aquela gente arrumasse o que eu fazer quando eu voltasse pra Porto Alegre” (Leandro); “duma aposta que fazem pra um jovem assim que ta meio sem ter o que fazer” (Zé); “sabe, hoje em dia sabe se a gente não ir procurar, ninguém vai trazer nada pra gente, né... E eu vou procurar” (Renata)).

Porém, essas situações não dão conta da complexidade que envolve processos de participação social. Foi necessário compreender como esses atores construíram o vínculo entre si e com a organização. Ao investigarmos os repertórios de protesto, percebemos todo investimento feito para que alguns elementos da cultura juvenil ganhassem direcionamento político. A aposta é de que a partir de uma forma atrativa o conteúdo poderia chegar a um público maior. As intervenções cênicas, a Agitação e Propaganda e a Animação nas Marchas, a partir da bateria e dos cantos e gritos de ordem, atuaram de duas maneiras na constituição da identidade.

A primeira delas se deu no estabelecimento de vínculos de amizade no grupo, porque é na preparação dos materiais, nos ensaios e nas saídas noturnas que se dá a convivência entre as pessoas. A segunda forma, é que ao elaborarem um repertório mais ou menos coeso, com uma identificação estética própria (seja pelos lenços, seja pelas músicas, seja pelos cartazes e pichações) o grupo acaba sendo reconhecido por outros atores e com isso ganha unidade.

Outra questão fundamental foi estudar como se dá a intersecção entre os projetos de vida dos jovens e os marcos interpretativos do LPJ. O conceito de esferas de vida (PASSY e GIUGNI, 2000) nos possibilitou entender como os atores interagem no sentido de produzir significados para sua atuação, relacionando as dimensões objetivas e subjetivas. Dessa forma, vimos que alguns atores escolheram o curso de CS por serem identificados com os processos de transformação da sociedade, porém ao se decepcionarem com a lógica da Universidade, buscaram alternativas para dar sentido aos estudos, primeiramente criando grupos que reivindicavam mudanças dentro do curso e depois se engajando no LPJ.

Outros entrevistados experimentaram diversas formas de participação mais tradicional, ora no movimento estudantil, ora em partidos políticos, mas também não se sentiam identificados nessas organizações. Mas ao ingressarem no LPJ conheceram outra forma de organização, ressaltando a importância da “mística” para o fortalecimento dos valores que acreditam. Além disso, a percepção desse espaço como uma oportunidade de

conviver com diferentes pessoas, com experiências de vida diversas, possibilita a ampliação da sociabilidade dos jovens.

A manifestação das diversas dificuldades enfrentadas por eles e elas para a manutenção do engajamento, nos mostra que essa interação não é realizada tranquilamente, devido às distintas dinâmicas e fronteiras das esferas de vida. E é justamente a auto-interação, uma visão holística e a percepção de estarem sendo coerentes (PASSY e GIUGNI, 2000) que interliga essas esferas com a esfera da militância política. No caso dos militantes do LPJ, se diretamente a relação entre as principais esferas de vida ainda não está totalmente realizada, o engajamento pode ser explicado pelo investimento de fazer desse espaço, ao mesmo tempo, um espaço de aprendizado, de diversão, de amizade, de trabalho e de ação. Conduzindo assim à permanência desses atores no grupo.

Por isso, a importância das redes de sociabilidades dos jovens como a principal fonte de ingresso no LPJ, visto que a conjugação entre estar com os amigos, partilhar de um projeto em comum, participar das formações políticas, ter oportunidades de trabalho e acesso à educação contribuem para tornar o engajamento mais ativo.

Nesse sentido, a constituição dos marcos interpretativos do LPJ, centrados na visão de que o jovem é o ator potencial para transformar a sociedade, mas que para isso ele não precisa abrir mão de “ser jovem”, ou seja, ser alegre, fazer festas, em alguns momentos até ser ingênuo ou desfrutar de uma incerteza frente às propostas de organização, fazem que os atores se sintam “acolhidos”, ficando mais receptivos para entrada na organização.

Também consideramos importante salientar que nos estudos e ações do grupo a conjugação entre reivindicações pontuais (educação, trabalho, cultura) tem sempre como horizonte a construção de “poder popular”, de transformação da sociedade, na qual eles criam e exercem novas formas de relacionamento nos seus espaços de convívio incentivando a solidariedade, trabalho coletivo, debates sobre classe, gênero e raça. Com isso, existe uma projeção para o futuro, que colabora para a construção de projetos de vida, mas que se realiza no presente, e os coloca como protagonistas dessa experiência.

Essa percepção está vinculada aos repertórios de protesto utilizados pelo LPJ que conseguiu se apropriar de linguagens muito identificadas com a juventude, principalmente da periferia, como o funk e a pichação, propondo novas formas de realizar o trabalho de militância. As manifestações por uma “educação pública e popular” agregam jovens que estão no sistema escolar e os que querem se re-inserir.

Como vimos também, foi marcante a experiência negativa deles com o movimento estudantil ou com os partidos políticos, com os quais não vislumbravam possibilidades de

mudança social. Se nas décadas de 60 e 90, as identidades de “estudante” e “cidadão” (MISCHE, 1997) impulsionaram as ações coletivas dos jovens, podemos pensar que nesse contexto a identidade “juventude” serve como ponte articuladora para dar sentido ao momento da vida, a formulação de projetos e o engajamento político. Isto se dá pela já referida multiplicidade do termo, mas também pela articulação vista entre os quadros interpretativos do LPJ e pelo investimento em conectar as esferas de vidas dos atores entrevistados com o sentido da militância.

A hipótese inicial apresentada então é refinada e propomos que a atuação dos jovens em movimentos sociais é potencializada na medida em que existe a construção de uma identidade forte com o movimento. Com isso, o encontro das diversas trajetórias dos jovens, não se torna problemático, visto que eles compartilham um projeto em comum, visando à transformação social, e nesse convívio criam oportunidades de aprendizagem valorizando a origem popular e amizades. Além disso, é necessário que eles consigam realizar uma interligação entre as esferas de vida construindo uma estrutura de significados que viabiliza o engajamento.

Muito ainda há que se estudar para dar maior consistência a essas proposições. Um dos caminhos possíveis seria no sentido de verificar quais são os motivos expressos pelos jovens que deixam de participar do LPJ. Também pensamos ser importante estudar quais são os quadros interpretativos e perfis dos jovens que participam de partidos políticos ou movimentos estudantis para termos possibilidade de estudos comparados. Ainda há necessidade de sistematizar melhor o processo de auto-interação, tentando perceber lógicas próprias de ação no contexto dessa fase da vida.

Por fim, ressaltamos a importância desse estudo, para obtenção de dados empíricos sobre a militância em movimentos sociais, principalmente por serem atores altamente engajados nessa organização. Também por consideramos relevante a escolha do referencial teórico que privilegia a dimensão simbólica e cultural da participação social. Contudo, sem esquecer da influência objetiva das estruturas de organização num determinado tempo e espaço social.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6. p. 25-36, 1997.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. IN: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de M.(Org.) **Usos e abusos da história oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 183-192.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Plano Nacional de Juventude – PL 4530/04**. Comissão Especial de Políticas Públicas para a Juventude. Brasília, 2004.

CARRANO, Paulo; LÂNES, Patrícia e RIBEIRO, Eliane. **Juventude Brasileira e Democracia**: participação, esferas e políticas públicas - relatório nacional. RJ, SP: Ibase e Polis, 2005.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Mirian. **Juventudes no Brasil**: vulnerabilidades negativas e positivas. Trabalho apresentado no I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP, realizado em Caxambu, MG – Brasil, de 18 – 20 de Setembro de 2004.

CHAVES, Christine de Alencar. A Marcha Nacional dos Sem-Terra: estudo de um ritual político. IN: PEIRANO, Mariza G. S. **O dito e o feito**: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001. p.133-148.

CÔRTEZ, Soraya Maria Vargas. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. In: **Cadernos de sociologia**. Porto Alegre Vol. 9, p. 11-47. 1998.

DÁVILA LEON, O. Da agregação programática à visão construtiva de políticas de juventude. IN: FREITAS, M. V. de; PAPA, F. C. (Orgs). **Políticas Públicas**: Juventude em Pauta. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003. p. 77-96.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. O método. In: **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. vol. 1. p. 88-97.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano I, n. 2, p. 125-142, 1995.

GONÇALVES DA SILVA, Vagner et alli. **Antropologia e seus espelhos**. A etnografia vista pelos observados. SP: USP, 1994. Capítulo 2. Quando o objeto vira sujeito. p. 53-72.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma de cultura. IN: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. SP: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

McADAM, Doug; McCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. **Movimientos sociales**: perspectivas comparadas. Oportunidades políticas, estructuras de movilización y marcos interpretativos culturales. Madri: Istmo, 1999.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do Presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: Redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, p. 134-150, Mai/Jun/Jul/Ago, Set/Out/Nov/Dez. 1997.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs). **Juventude e Sociedade**: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. SP: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PASSY, Florence; GIUGNI, Marco. Life-Spheres, Networks, and Sustained Participation in Social Movements: A Phenomenological Approach to Political Commitment. **Sociological Forum**, Vol. 15, n. 1. p. 117 – 144, 2000.

PEIRANO, Mariza G. S.. A análise antropológica de rituais. IN: PEIRANO, Mariza G. S..**O dito e o feito**: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2001. p.7-40.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e Juventude. O que fica de Energia. IN: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. SP: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SPINELLI, Luciano. **Grafite e Comunicação**. Disponível em <<http://www.artbr.com.br/clm/index.htm>> Acesso em 23 de maio de 2009.

SPINELLI, Luciano. **Pichação e Comunicação: um código sem regras**. Disponível em <http://www.artcrimes.com/faq/spinelli/pichacao_e_comunicacao_um_codigo_sem_regra.html> Acesso em 23 de maio de 2009a.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. **Juventude e políticas públicas no Brasil**. In.: DÁVILA LEÓN, O. (Org.) Políticas públicas de juventud en América latina. Viña del Mar, Chile: Ediciones CIDPA, 2003. *mimeo*.

SPOSITO, Marília Pontes & CORROCHANO, Maria Carla. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 141-172, nov. 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n 13, p.73-94, abr. 2000.

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. – São Paulo: Ação Educativa, 2003.